

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ - UFC
FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FAGED
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO BRASILEIRA
MESTRADO EM EDUCAÇÃO**

OSCAR SIQUEIRA PROCÓPIO

APRENDENDO COM O OUTRO: OS ÁRABES EM FLORIANO

Fortaleza – Ceará

2006

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ - UFC
FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FAGED
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO BRASILEIRA
MESTRADO EM EDUCAÇÃO**

OSCAR SIQUEIRA PROCÓPIO

APRENDENDO COM O OUTRO: OS ÁRABES EM FLORIANO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará como requisito parcial para a obtenção do Título de Mestre em Educação, sob a orientação da Prof^a Dr^a Bernadete Beserra.

Fortaleza – Ceará

2006

Procópio, Oscar Siqueira.

Aprendendo com o outro: os árabes em Floriano. Oscar Siqueira Procópio.
Fortaleza-CE: 2006.

100 f: il.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Bernadete Beserra.

Dissertação (Mestrado) – UFC / UFPI: Faculdade de Educação, 2006.

1. História e Memória. 2. Educação. 3. Floriano, PI. 4. O imigrante sírio. I. Título.

APRENDENDO COM O OUTRO: OS ÁRABES EM FLORIANO

OSCAR SIQUEIRA PROCÓPIO

BANCA EXAMINADORA:

Profa. Dra. Bernadete Beserra (Presidente – UFC)

**Profa. Dra. Maria Juraci Maia Cavalcante
1ª Examinadora - UFC**

**Profa. Dra. Zuleide Fernandes Queiroz
2ª Examinadora - URCA**

Dissertação defendida e aprovada em: 26 de maio de 2006

DEDICATÓRIA

A Minha Mãe Dona Mundica (in memoria) e à minha esposa, Amara

“Você se fez presente em todos os momentos, firmes
ou trêmulos.

E passo a passo pude sentir suas mãos transmitindo-
me a segurança necessária para enfrentar o caminho a
seguir...

A sua presença é qualquer coisa como a luz e a vida.

E eu sinto que em meu gesto existe o seu gesto, e, em
minha voz, a sua voz”. (Vinícius de Moraes)

A meu querido irmão Hairton que tão cedo nos
deixou. A meus filhos Diogo, Bernardo, Lucas,
Dandara e Gildimar

Quando garoto, eu sonhava conhecer muitos lugares,
muitas pessoas, muitas coisas. Passados os anos,
percebo que o tempo aqui na terra é curto, insuficiente
para aproveitarmos os lugares, as pessoas, as coisas
que estão ao nosso alcance.

AGRADECIMENTOS

A professora Bernadete, pela sabedoria e simplicidade.
Uma verdadeira lição de vida.

A FACED por ter nos oportunizado uma convivência enriquecedora com professores de alto nível, especialmente Juraci, Bernadete, Luis Botelho, Arimatéa e Karina que nos proporcionaram uma verdadeira transformação.

Aos grandes colaboradores (entrevistados): Maria Demes, Iracema Atem, Rosa Mazuad, Salomão Cury-Rad Oka, dr. João Lobo, prof. Luís Paulo e prof^a Lourdinha Salha, Fábio Cruz, Maurício Bezerra, Thamina Oka Lôbo, dona Maria das Graças, prof. Abílio Neiva, Theodoro Sobral, Lívio Fontes, José Nunes e Antônio Neto.

Aos colegas de estudo: Djalma, Inaura, Gilmar, Everardo, Antônio Reis, Luzia, Lígia, Célia, Luciene, Edmilsa, Jurema e Francinete pelo convívio harmonioso e solidário.

A Salomão Cury-Rad Oka pelo trabalho fotográfico.

Ao amigo Antônio de Pádua Kalume pela valiosa colaboração

A professora Maria Kalume pela tradução do resumo para inglês

SUMÁRIO

RESUMO.....	7
ABSTRACT.....	8
INTRODUÇÃO: O ENCONTRO COM O OUTRO.....	9
CAPITULO I – OS ÁRABES: DA SÍRIA PARA O BRASIL.....	17
1.1. Cultura e conflito na terra dos Árabes.....	17
1.2. A chegada dos árabes no Brasil.....	22
1.3. A fixação de árabes no Piauí.....	29
CAPITULO II – OS ÁRABES EM FLORIANO: APRENDENDO COM O OUTRO...33	
2.1. Os primeiros árabes: a chegada em Floriano.....	33
2.2. A inserção dos árabes na cidade.....	35
2.3. De mascates a empresários.....	47
2.4. Quibe, rapadura, esfiha, tapioca e cajuína: o sabor de Floriano.....	58
2.5. O ecletismo arquitetônico de Floriano.....	62
2.6. Centenário: uma releitura da presença árabe em Floriano.....	67
CAPÍTULO III: CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	72
REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	75

ÍNDICE DAS ILUSTRAÇÕES

	Página
Ilustração 01 – Propaganda da firma Antun Zarur Filhos & Com. de 1910.....	49
Ilustração 02 - Propaganda da firma Calixto Lobo & Filhos, de 1938 – arquivos de Teodoro Sobral.....	52
Ilustração 03 – Propaganda da firma Bucar Amad & Filhos, de 1938 – arquivos de Teodoro Sobral.....	55
Ilustração 04 – Edifício Calixto Lobo, sede da firma Calixto Lobo & Filhos, construção de 1938.....	57
Ilustração 05 – Jantar árabe na residência da síria Alda Oka Kreit.....	62
.	
Ilustração 06 - Filho de sírios Salomão Oka (entrevistado) com traje típico em um jantar árabe na residência de Alda Kreit.....	62
Ilustração 07 - Primeiro sobrado construído em Floriano de propriedade do sírio José Demes.....	64
Ilustração 08 – Prédio com arquitetura árabe na rua São Pedro, de Salomão Mazuad.....	65
Ilustração 09 – Memorial construído em homenagem ao centenário da imigração árabe	69
Ilustração 10 - Embaixador da Síria Ghassoub Rifai recebendo a Comenda Agrônomo Parente durante o centenário da imigração árabe.....	70
Ilustração 11 – Ghassob Rifai com descendentes de sírios (dançarinas).....	70

RESUMO

O presente estudo trata da chegada do povo árabe em Floriano, numa tentativa de mostrar como aconteceu o processo de integração sócio-cultural desses imigrantes numa cidade do interior do Piauí, bem como identificar os principais aspectos dessa influência sobre a sociedade, através de uma análise do contexto sócio-histórico-econômico. Devido à dificuldade de encontrar registros sobre o tema focado – algumas vezes, devido à própria falta desses registros – tivemos de utilizar como recursos metodológicos algumas entrevistas, além de documentos, jornais e fotografias que se tornaram elementos essenciais para uma melhor compreensão do objetivo proposto. Neste sentido, pode-se entender que a inserção da cultura árabe em Floriano aconteceu de modo semelhante à ocorrida em outras cidades brasileiras. Porém, graças particularmente à presença dos sírios e libaneses, pode-se inferir que nessa cidade alguns aspectos da influência árabe sofrida foram diferentes daqueles ocorridos em outros lugares, uma vez que os imigrantes daqueles países não apenas assimilaram a cultura regional, mas também introduziram elementos de suas próprias culturas, como aqueles relacionados a hábitos alimentares e estilo arquitetônico, apenas para exemplificar. Com sua habilidade natural para o comércio, contribuíram especialmente para o crescimento dessa atividade em Floriano, introduzindo novas práticas comerciais, inclusive a modalidade de venda a prazo. Pouco a pouco, vencendo dificuldades causadas pela língua e pelos preconceitos, tornaram-se cidadãos respeitáveis e assumiram funções públicas importantes, confirmando assim sua valiosa contribuição para o desenvolvimento de Floriano.

ABSTRACT

The present study deals with the arrival of Arab people at Floriano city in attempt of showing how the process of social and cultural integration of these immigrants in an inner city of Piauí state has happened as well as identifying the main aspects of this influence upon the society through an analysis of the historical, social and economic context. Due to the difficulty of finding registrations about the theme focused – sometimes, due to own lack of these registrations – we have to use as methodological resources some interviews, besides documents, newspapers and pictures that turned out essential elements to a best comprehension of the proposed objective. In this sense, it can be understood that the insertion of the Arabic culture in Floriano city happened in a similar way to that occurred in other Brazilian cities. But, thanks particularly to the presence of the Syrian and Lebanese people in this city, it can be inferred that some aspects of the Arabic influence suffered are different from those occurred in other places, once the immigrants from those countries not only assimilated the regional culture but introduced elements of their own culture, as those relating to food habits and architectural style, only to exemplify. With their natural ability for the commerce they contributed specially to the increase of this activity in Floriano, introducing new commercial practices, including the credit sale modality. Little by little, winning difficulties caused by language and by prejudices, they become respected citizens and assumed public functions, confirming definitely their valuable contribution to the development of Floriano city.

INTRODUÇÃO: O ENCONTRO COM O OUTRO

Em 1969, Floriano ocupava lugar de destaque como a terceira maior e mais importante cidade do Piauí, situada numa região geograficamente privilegiada, atendendo a demanda comercial e de serviços - nas áreas de saúde e educação, principalmente - de toda a região meio-norte do Brasil, abrangendo várias cidades do Piauí, do Maranhão e do Pará. Já encantava seus visitantes pela beleza, desenvolvimento, e pelo comércio que oferecia aos consumidores os mais diversos produtos. Centro de cultura e moda num tempo em que os meios de comunicação eram o rádio e jornais impressos, Floriano era a vitrine do que de melhor e mais moderno poderia se dispor neste longínquo rincão região do nordeste brasileiro e para onde se dirigiam os habitantes das regiões vizinhas em busca de melhores condições de vida e de estudos.

Foi neste cenário que, aos 13 anos de idade, cheguei a Floriano, acompanhado de sete irmãos. Vínhamos da cidade de Rio Grande do Piauí, pequeno lugarejo situado a 140 km da Princesa do Sul¹, que não tinha energia elétrica, oferecia apenas o ensino primário a seus habitantes e possuía como a mais moderna invenção tecnológica o rádio de pilha que a ligava ao mundo através da informação verbal. A expectativa de chegar à “cidade grande” minimizava o desconforto da viagem de quatro horas na carroceria de um “pau de arara”, sob um sol escaldante. Minha mãe não conseguia disfarçar o ar de preocupação diante da incerteza do que poderia encontrar pela frente, pois não tinha a concordância de meu pai para enfrentar tamanha aventura. Mesmo assim, ela encarava e, repetidamente, dizia: “serei capaz de qualquer sacrifício para dar educação a meus filhos”.

Motivada por este grande ideal, seguii adiante, transpondo barreiras e enfrentando as mais diversas dificuldades. O sacrifício parece ter valido a pena. Dona Mundica conseguiu a

¹ Denominação dada a cidade de Floriano

proeza de incluir no rol de seus nove filhos, duas professoras, um farmacêutico bioquímico, dois advogados e um médico. Enquanto o destino apontava a enxada para seus filhos, dona Mundica bravamente o contrariou e indicou a estrada. A estrada que dava numa escola, que dava numa cidade. E a cidade era Floriano.

Chegamos a Floriano e o primeiro impacto foi indescritível: luz elétrica, ruas calçadas, edifícios, automóveis e o grandioso rio Parnaíba. Eram tantas as novidades que nem a fértil imaginação de um jovem poderia prever. Finalmente, a “grande metrópole”. Todos estavam encantados com o que viam. Também assustados. O choque foi imediato, mas a adaptação a esse novo mundo se deu lentamente. As pessoas pareciam andar diferente, falar diferente, olhar a gente de forma diferente. Era assim que nós nos sentíamos, à exceção de minha irmã e meu irmão mais velhos, que já conheciam a cidade.

A emoção de ver, pela primeira vez, luzes acesas clareando a cidade, permanece bem viva em minha memória. Que belo espetáculo! Até então eu só conhecia a luz do sol, da lua, das estrelas, das lanternas, das lamparinas, dos vaga-lumes. Vários automóveis circulando pelas movimentadas ruas, a majestosa igreja matriz São Pedro de Alcântara, as “grandes” lojas comerciais, tudo era incrivelmente novo e belo. Para mim, estar ali era uma grande felicidade.

E foi nesse mundo diferente, que eu e meus irmãos percebemos algo mais distinto ainda. É que na cidade havia pessoas com um biótipo diferente e com uma voz estranha. Eram os “carcamanos”. Criaturas de outras terras e de fala de difícil compreensão. Um deles, inclusive era nosso vizinho – Sr. Milad Kalume² – sírio prático em ortopedia, caridoso e de

² Chegou a Floriano em 1925, estabelecendo-se como comerciante, porém, foi através de seus conhecimentos no conserto de fraturas ósseas - adquirido com seu pai ainda na Síria - que atuou com destaque por mais de 40 anos, prestando serviços não apenas a florianenses, como também a pessoas de outras cidades piauienses e também do Maranhão que recorriam a ele, algumas vezes para remendar “estragos” feitos por profissionais da Medicina. Católico praticante, nada cobrava por seus serviços. Foi perseguido e denunciado pois, além de ser carcamano, era apenas prático em Ortopedia. Certa ocasião, um médico procurou o “charlatão” para remendar-lhe a perna, o que ele fez com toda a boa vontade, passando assim a conviver pacificamente com a classe. A nova geração de médicos já o olhavam com respeito

fácil acesso. Os outros, na maioria, eram comerciantes, estabelecidos à Rua São Pedro, principal artéria comercial de Floriano.

Ao passar na Rua São Pedro, era impossível não perceber a presença desses imigrantes. Suas lojas se distinguiam das demais pelo colorido, pela variedade de mercadorias expostas e, também, pela presença simpática dos seus proprietários à porta, atendendo o possível freguês com uma satisfação incomum. Minha mãe costumava dizer: “às vezes é meio complicado entender o que eles falam, mas em compensação, eles são muito simpáticos e educados”.

O ingresso na escola facilitou bastante a adaptação ao novo ambiente. A escola que eu estudava era pública, considerada uma das melhores da cidade. Como normalmente acontece, aos poucos fui conhecendo melhor a minha nova terra e as pessoas que nela habitavam. Aos poucos fui, também, me familiarizando com os “estranhos” sírios e libaneses que, por volta do ano de 1901 - período que coincide com a fase de formação da cidade - imigraram para o Brasil e uma parte estabeleceu-se em solo piauiense, na então Colônia, vila surgida do povoamento em torno do Estabelecimento Rural São Pedro de Alcântara, que foi emancipada em 1897, passando à cidade e recebendo o nome de Floriano, em homenagem ao ex-presidente da República, marechal Floriano Peixoto.

Decorridos quatro anos, já me sentia integrado ao lugar. Os carcamanos não eram mais tão estranhos e já tinha uma aproximação cordial com seus descendentes. Mas percebia que minha família não ocupava ainda o mesmo espaço social que eles.

Dona Mundica, com a determinação e a coragem de uma nordestina que sabia o que queria, lançou mais um dos seus desafios: “Oscar você tem coragem de estudar em Recife?” Na verdade, a princípio eu não tinha, mas absorvi, como se por osmose, a coragem de dona Mundica e assim parti para a grande metrópole pernambucana, aos dezenove anos de idade,

e admiração e como o pioneiro na área de ortopedia do Piauí. Era chamado pelos mais humildes como “Seu Milagre” pelos benefícios que prestava com boa vontade e simplicidade.

sozinho, sem nenhuma referência pessoal, apenas com o endereço de uma pensão de inusitado nome “Caverna Drinques” – apelido dado ao ambiente em função do seu aspecto. E ali estava eu em Recife, vivendo uma realidade totalmente diferente, num mundo totalmente novo. Pessoas diferentes, hábitos alimentares diferentes. Minha concepção de cidade grande se modificou totalmente. Floriano passou a ser uma cidadezinha do interior diante da imensidão da capital pernambucana, uma das maiores cidades do Brasil.

Em 1980, retorno a Floriano com o diploma de farmacêutico bioquímico concluído na conceituada Faculdade de Farmácia da Universidade Federal de Pernambuco. Eu agora era “doutor” - dona Mundica dizia isso com muito orgulho – e as perspectivas de trabalho e ascensão social eram outras. De imediato fui convidado para lecionar química na mais conceituada escola da cidade, pois havia uma grande deficiência de professores nesta área. E como diz o conhecido adágio popular; “em terra de cego quem tem um olho é rei”, tornei-me circunstancialmente “professor”. Posteriormente, fui contratado para lecionar no Colégio Agrícola da Universidade Federal do Piauí – na época não havia concurso público – onde também concluí dois cursos de especialização em Metodologia do Ensino. Paralelamente desenvolvia minhas atividades de farmacêutico-bioquímico, tendo, inclusive, estabelecido um Laboratório de Análises Clínicas no município.

Neste contexto, comecei a ter mais contato com os “carcamanos” que, na sua quase totalidade, faziam parte de uma classe social considerada de “nível” mais elevado. A oportunidade de conviver no mesmo meio social me levou a perceber algumas características marcantes dos sírios que certamente se diluíram no seio da comunidade florianense, e fizeram-na diferente das demais cidades do Piauí.

Não tenho dúvidas de que a minha própria história de vida foi um dos fatores que me levou à escolha do tema aqui apresentado; que me impulsionou a buscar conhecer mais profundamente a história desse povo e de sua integração em Floriano – Piauí. Eles que

tiveram a coragem de partir em busca da realização de seus sonhos, perseguindo a liberdade e paz, melhores condições de trabalho e vida digna, o que não estava sendo possível em sua pátria. Não obstante, se para eu deixar a terra natal, ir para outra cidade no mesmo estado em condições muito mais favoráveis, significou uma ruptura, uma atitude de coragem, o que dizer da bravura dos árabes que praticamente se viram obrigados a deixar sua pátria, enfrentaram uma sofrível travessia e aportaram numa terra de um idioma diferente, de hábitos diferentes, de pessoas muito diferentes?

Várias indagações surgiam no sentido de compreender tal fenômeno. Por que os árabes haviam deixado sua pátria? O que os havia levado a escolher a provinciana Floriano, cidade do interior do Piauí? Como se deu a sua inserção em cultura tão diferente? Que contribuição deram para a construção e desenvolvimento da cidade? Como se modificaram e modificaram a cidade? Estes questionamentos nortearam este estudo, que investiga a trajetória dos sírios e libaneses em terras florianenses.

A pesquisa desenvolvida com o propósito de responder às questões acima envolveu, além de estudos bibliográficos pertinentes, entrevistas e análise de documentos. As entrevistas, iniciadas em julho de 2004 e concluídas em março de 2006, envolveram dezoito florianenses, sendo nove descendentes de árabes - três na faixa etária de 60 a 90 anos, três na faixa etária de 40 a 60 anos e três na faixa etária de 20 a 40 anos - e nove não descendentes - três na faixa etária de 60 a 90anos, três na faixa etária de 40 a 60 anos e três na faixa etária de 20 a 40 anos. As entrevistas foram gravadas em fita cassete e posteriormente transcritas.

Além dos relatos orais foram analisados, entre outros, os seguintes documentos: fotografias, correspondências, fitas de vídeo e jornais. Também foram utilizadas fotografias, feitas especialmente para atender às necessidades deste estudo. Destaco, entre os autores consultados, os manuscritos da professora Josefina Demes³, e a leitura de *Casa Grande e*

³ Josefina e seus irmãos, Joseph e Michel, nasceram em Khabab, Governadorato de Houran, localizada nas proximidades de Damasco. Ela nasceu em dezembro de 1920. Era a terceira filha de Auad José Demes e Sahda Demes. Seu pai, depois de passar seis anos em Floriano e conseguir fortuna, regressou

Senzala, de Gilberto Freire, e de *Brasileiros nos Estados Unidos: Hollywood e Outro Sonhos*, de Bernadete Beserra, que muito me motivaram e ampliaram minhas alternativas para o desenvolvimento do presente estudo.

A escolha do período compreendido entre 1901 a 1950 se justifica em função de que, neste intervalo de tempo se deu a chegada dos imigrantes sírios em Floriano, podendo-se assim estudar desde a inserção dos pioneiros até a dos sírios que já encontraram seus patrícios estabelecidos. Esse recorte temporal se justifica, também, pelo fato de representar a fase de formação e de desenvolvimento da cidade, onde a presença dos sírios e libaneses – estes últimos em número bem menores – se fez marcadamente importante.

Assim sendo, os árabes que vieram ao Brasil, preferencialmente, se dirigiam para o Estado de São Paulo. Entretanto, parte deles se dispersou por várias regiões do país, inclusive o Piauí, vindos de São Luís do Maranhão, onde eram orientados por patrícios já estabelecidos na capital maranhense para seguirem interior a dentro. No Piauí, a principal cidade a acolhê-los foi Floriano. Segundo alguns depoimentos, aqui relacionados, os primeiros imigrantes vieram pensando em amealhar fortunas e retornar à sua pátria. Com o passar do tempo, prevaleceu a idéia de ficar em definitivo, ou seja, para trabalhar, constituir famílias e prosperar. Poucos foram os que se aventuraram a voltar e alguns que assim procederam, preferiram retornar depois a Floriano.

Nas palavras de Josefina Demes, os árabes trouxeram da pátria distante não apenas a esperança de melhores dias, mas, na sua incomparável vocação para a arte de fazer negócios, herdada de seus ancestrais, os fenícios, conquistaram outro mundo pelo trabalho honrado, dinâmico e inteligente, contribuindo efetivamente para a interação das duas

à Síria para se casar. Mas logo veio a guerra e somente após o final da mesma pode regressar para Floriano, em 1925. Brasileira naturalizada, farmacêutica, professora, estudante de filosofia na Universidade Federal do Ceará (não chegou a concluir o curso). Professora de elevado conceito no Estado do Piauí, de grande influência no meio intelectual, considerada um arquivo histórico, faleceu deixando um livro escrito, porém não publicado (SANTOS, 2006). Ao seu manuscrito me referirei de agora em diante como DEMES s/d.

culturas. Dos que aqui chegaram, a maioria era composta por jovens solteiros, fugidos do regime de opressão e perseguição imposto pelo Império Otomano, que imperava naquele país há vários séculos.

Inicialmente viviam como mascates, fator determinante para a assimilação dos sírios, depois foram instalando suas lojas no centro comercial onde inovaram as práticas comerciais, principalmente com a introdução da modalidade de venda a prazo. Em pouco tempo prosperaram e dominaram o comércio da região, provocando reações de animosidade em alguns comerciantes locais, que culminaram com a tentativa de expulsão dos aventureiros mascates que se refugiaram na vila fronteiriça de Barão de Grajaú - MA, mas que também causou a indignação de um grupo de florianenses que se mobilizou para promover o retorno dos imigrantes.

Portadores de um nível de escolaridade limitado, na maioria analfabetos, foi difícil a esses imigrantes ensinarem a língua escrita aos seus descendentes. Mesmo porque, não havia neles esse interesse. Segundo relato de descendentes, havia uma deliberada intenção de assimilar o português o mais rápido possível, pois o desconhecimento do idioma local dificultava o processo de integração dos sírios. Já os descendentes se adaptaram mais rápido ao novo ambiente e tiveram a escola como veículo de ensinamento da língua portuguesa e colaboradora para sua integração na cidade.

Os sírios que se estabeleceram em Florianópolis não sentiram dificuldade em relação à religião, eram quase todos cristão-ortodoxos ou católicos do rito oriental. Em relação aos hábitos alimentares, a princípio, precisaram se adaptar ao que encontraram em Florianópolis, mas logo os florianenses conheceram e aprenderam a admirar a culinária árabe que hoje já faz parte do cardápio da cidade.

Geograficamente bem situada às margens do rio Parnaíba, principal meio de ligação entre as cidades e o mundo na época, Florianópolis se destacou na região como um grande

entrepasto comercial, pois muitos nordestinos se estabeleceram e fizeram dela sua morada. Mas foram os sírios que inovaram as práticas comerciais com a introdução da modalidade de venda a prazo e flexibilização de preços, com o funcionamento ininterrupto das lojas e com um atendimento peculiar aos fregueses. Em pouco tempo dominaram o comércio local, contribuindo decisivamente para transformá-lo no maior entreposto comercial da região.

Este trabalho está dividido em dois capítulos, compostos de várias partes, esta introdução e a conclusão. No primeiro, é apresentado um histórico da civilização árabe e dos motivos que trouxeram os carcamanos a Floriano. Já o segundo capítulo trata de contextualizar Floriano e explicar a integração dos árabes na cidade: como foram aos poucos se transformando em florianenses, destacando as influências mútuas e o processo de adaptação, aceitação e convivência entre pessoas de culturas tão diferentes. Ao final são feitas considerações sobre o estudo, que destacam a importância da presença árabe para o desenvolvimento de Floriano.

CAPITULO I – OS ÁRABES: DA SÍRIA PARA O BRASIL

1.1. Cultura e conflito na terra dos árabes

O árabe é originário de uma região hoje conhecida como Oriente Médio, terra sagrada por ser berço das três mais importantes religiões do mundo: o Judaísmo, o Cristianismo e o Islamismo.

Segundo a professora Josefina Demes, para melhor conhecer o Oriente Médio, seus valores morais, culturais e espirituais, faz-se necessário retroagir aos tempos antigos, quando foi sítio de brilhante civilização. A Babilônia, por exemplo, muitos séculos antes de Cristo já desfrutava de profundos conhecimentos de álgebra, geografia, astronomia e, por extensão, astrologia e orgulhavam-se de possuir uma biblioteca de mais de 22.000 livros, além de um sistema jurídico dos mais evoluídos, que repousava no Código de Hamurábi. O Egito já conhecia o calendário de 365 dias, os processos químicos de fermentação, destilação e da redução, a liga de cobre e a fundição do ouro e da prata. E a imortal Síria, berço de muitas conquistas testemunhadas pela humanidade, também produziu sua grande descoberta: o alfabeto. Ele foi um instrumento fundamental para a comunicação entre os povos. Surgiu na região de Ugarit por volta do ano de 1900 a.C. Com algumas modificações, primeiro dos gregos, quando conquistaram a região, e em seguida, dos romanos, foi divulgado por toda a Europa, sob a denominação de Alfabeto Latino ou Alfabeto Romano.

DEMES (s/d) destaca ainda que os avanços da Síria no campo do saber humano não ficaram por aí: ela também foi sede da famosa Escola de Direito de Béruto – Beirute – a primeira do gênero em todo o mundo – onde pontificaram luminares da Jurisprudência como Papiniano, natural da cidade de Homs - Síria, dono de uma personalidade magnífica e de uma sabedoria exponencial; Al Piano, chamado pai do Direito, nascido em Tiro – Síria, no ano de

170 depois de Cristo; Caiós, Paulo e Jeta possuidores de tamanha sabedoria foram levados para Roma no tempo da dinastia dos severos, onde formaram o Digest composto de cinco jurados a quem cabia a solução das consultas que, pela dignidade nos pareceres, passaram a ser Leis. Essas leis são aplicadas até hoje no mundo civilizado

A proeminência e a opulência da Síria eram cantadas e recantadas desde tempos imemoriais. “Tanto assim, que Eumeu conta a Ulisses na Odisséia: Já que me interrogas a te informar a esse respeito, dir-te-ei: existe uma ilha chamada Síria”. Tem grandes bois, belos carneiros, e é abundante em vinho. “Nunca a fome atacou este povo e nem outro mal terrível caiu sobre os míseros mortais”.

Naturalmente, não foi desta Síria admirável e farta cantada e encantada por Josefina Demes aos amigos florianenses, que vieram os imigrantes que chegaram a Floriano. O relato dos entrevistados apresentados aqui mostra uma realidade bem diferente, de uma Síria pobre, dominada e conflituosa, o que levou muitos de seus filhos a partirem em busca de sobrevivência em outros países.

A Síria fica às margens do Mediterrâneo, que os antigos romanos, na sua descabida pretensão de domínio, chamavam de “Mare Nostrum”. Por ele saíram os audaciosos fenícios, habitantes de altas e acidentadas montanhas que buscavam no mar o que a terra lhes negava: os meios para sua sobrevivência. Assim, não podendo ser lavradores, fizeram-se comerciantes e o mar foi a sua estrada.

Utilizando-se de velozes embarcações, construídas com o cedro ali abundante e velejando por ininterruptos dias e noites alcançaram as longínquas pastagens como a África, Europa, e, quem sabe, até o Brasil. A Pedra da Gávea no Rio de Janeiro e as Sete Cidades no Piauí que o digam. E foi assim que de avanço em avanço se transformaram nos verdadeiros descobridores do mundo, cujas fronteiras ampliaram para muito além da linha do horizonte (DEMES, s/d).

Como descreve DEMES(s/d), foi também pelo Mediterrâneo que chegaram os grandes conquistadores do mundo antigo e a partir dele fizeram da Síria a grande rota das caravelas que buscavam as Índias, celeiro de imensuráveis riquezas. Primeiro chegaram os gregos de Alexandre que fundaram um grande império com Selêuco e Antíoco. Devastaram as florestas de cedros, de oliveiras, de nogueiras, de damasqueiros com a construção de embarcações para a guerra. Depois chegaram os romanos de Pompeu, de Tito, de Adriano, que, em sucessivas invasões, destruíram Jerusalém e forçaram a dispersão dos judeus.

Muitos anos depois, a Síria sofria outra invasão. Desta vez eram os árabes que em uma memorável arrancada a partir de Meca, ocuparam-na entre os anos de 636 e 653. Abu-Moavia, o artífice deste grande feito, fez de Damasco a capital de sua Dinastia. Florescem as artes, as letras, as ciências e a economia, com a revitalização da secular manufatura da seda e da indústria do tradicional aço de Damasco, de que foram feitas as espadas que fizeram a glória do Islã.

A Síria, de acordo com Josefina Demes, vivia o esplendor das “mil e uma noites” e assim permaneceu até que os Omíadas foram derrotados pelos Abássidas de Bagdá, que passou a ser a capital do Califado. Porém, graças a sua enorme potencialidade, em pouco tempo soergueu-se passando a comercializar normalmente, e em grande escala, os seus tradicionais produtos.

Em 1453, dava-se a tomada de Constantinopla, seguidora da religião cristã, pelos turcos otomanos, que, em represália à expulsão dos árabes da Espanha e de Portugal, impedia os naturais destes países o acesso à tradicional Rota Síria, o que os obrigou a encontrar, “por mares nunca dantes navegados”, um caminho para as Índias, que os portugueses fizeram dobrando o Cabo da Boa Esperança, ao Sul da África.

Esta inesperada situação, agravada por deploráveis medidas tomadas pelo poder turco, foi danosa para a Síria, com reflexos negativos na sua economia que emanava, em grande parte, das rendas aferidas com o trânsito que se operava ao longo de seu território. Todavia, ainda não era a sua ruína total, já que os seus portos ainda estavam abertos aos povos amigos, dentre os quais, os do norte da África e europeus, como os venezianos e os genoveses, ou os que, por determinadas razões, não se sentiam encorajados a se aventurar pelo mar a fora. O pior viria ainda e, paradoxalmente atrelado a um dos mais auspiciosos acontecimentos que a história já registrou: a abertura do Canal de Suez, construído sob a supervisão do renomado engenheiro francês Ferdinand de Lesseps.

De acordo com DEMES (s/d) a inauguração do Canal de Suez em 1869, com a presença da família imperial francesa, foi a concretização da velha aspiração que remontava ao tempo dos faraós. Um novo caminho ligando o Oriente ao Ocidente abriu-se e, com ele, o despertar de novas esperanças para os que careciam de novas oportunidades. As outrora florescentes cidades sírias esvaziaram-se e as ruidosas caravanas silenciaram por completo. Os navios sequer europeus tocavam os portos da Síria, já que o Canal de Suez, situado mais ao Ocidente, os levava diretamente ao Sudeste Asiático onde, no Japão, os manufaturados de seda com mão de obra mais barata e preços competitivos foram a “pá de cal” na já debilitada economia síria. A pobreza, a miséria, as doenças campeavam em toda a região, acrescidas da pobreza do solo exaurido por devastações milenares. Outra razão muito importante a ser considerada foi a conscrição que o governo turco, a partir de 1909, estendeu aos cristãos da Síria, até então isentos desta obrigatoriedade, dado que a Turquia sempre relutou em pô-la em prática pelo temor de possíveis rebeliões por parte daquela gente, mas que via-se obrigada a ela recorrer em virtude das dificuldades que enfrentava com seus envolvimento nas guerras balcânicas.

O rude tratamento aos conscritos sírios por parte dos soldados e oficiais turcos reforçou a convicção de que a solução para todos estes males residia na imigração e foi o que muitos fizeram principalmente, para a América, em busca de uma vida digna, com trabalho e liberdade.

A submissão ao Império Otomano fez dos jovens sírios prisioneiros em sua própria pátria, sem perspectivas, sem horizontes, materialmente pobres e feridos em seu próprio civismo. Foi imigrando que eles vislumbraram a possibilidade de se tornarem cidadãos livres, reconstruírem suas vidas, constituir famílias e se tornarem membros influentes. Para muitos deles, o Brasil foi o destino e Floriano, interior do Piauí, também recebeu uma parcela desses indivíduos de uma cultura milenar, ávidos pelo trabalho, de grande capacidade de renúncia, de reconstrução, de recomeçar do nada.

De acordo com Tajra (2006, p.56), a Turquia, além de dominar toda a região, obrigava os jovens árabes a se alistarem no poderoso e truculento exército turco otomano. Muitos se alistavam, morriam em guerras ou nunca mais voltavam. Ainda segundo a autora, todos que emigravam partiam com a intenção de voltar às suas aldeias, por isso, na despedida, prometiam aos pais que pouco tempo depois voltariam ricos e os ajudariam a sair da tão constrangedora situação a que estavam submetidos. Poucos foram os que voltaram, alguns apenas para casar, retornando ao Brasil, definitivamente, com mulheres e filhos. A viagem era muito longa e cansativa, mas eles eram jovens e cheios de idealismo. Estavam dispostos a lutar por uma vida melhor.

A aventura dos primeiros imigrantes revela a determinação, a bravura dos sírios e libaneses que, numa atitude heróica, desafiaram as dificuldades e rumaram para a América perseguindo seus sonhos de liberdade e de uma vida mais promissora. Muitos vieram sozinhos, solteiros e depois de estabelecidos foram buscar suas esposas e filhos que ficaram

para trás. Através da trajetória de seu próprio pai, João Lobo (78 anos, descendente da 1ª geração) ilustra a difícil travessia dos imigrantes da longínqua Síria até Floriano:

Em 1908, meu pai saiu da Síria para fugir da convocação do exército turco. Vinha com apenas 18 anos, sem saber exatamente para onde ia; sem saber a língua, sem carteira de identidade, sem passaporte, sem recursos. Vinham soltos no mundo, jogados num navio e passavam dois, três meses viajando para aportarem na América do Norte, para os Estados Unidos. Mas nesse período, o excesso de imigrantes fez com que eles ficassem rigorosos na alfândega, criassem barreiras principalmente na área de saúde. Eles eram muito exigentes na área de saúde. Quando não entravam lá, continuavam a viagem para a América do Sul.

Como filho de sírio, João Lobo fala também do sentimento dos seus pais e parentes diante da opção de ficar na Síria e integrar-se ao exército turco ou buscar uma nova vida:

A gente pode imaginar a repulsa que aqueles jovens, aquelas famílias tinham do exército dominador: o cruel e perverso exército turco. E os pais não queriam que a sua mocidade, que seus filhos fossem convocados para o exército turco.

Conforme Amarildo Jr. (1935, p.46) a Síria, no período das migrações, foi marcada por sucessivas invasões. Em razão disso, encontrou na migração uma possibilidade de amenizar seus problemas. O autor considera como a causa mais expressiva da moderna emigração síria a prolongada dominação do Império Turco que abalou a vida social, econômica, política e religiosa daquele povo.

1.2. A chegada dos árabes no Brasil

Das últimas décadas do século XIX aos anos 1920, um número significativo de sírios, em sua maioria cristãos, chegou ao Brasil, incentivados, basicamente, por motivos religiosos e por motivos econômico-sociais ligados à estrutura agrária do país de origem, bem como por relatos de imigrantes bem sucedidos que a ele retornavam. No Império Otomano de fé islâmica, as comunidades cristãs da Síria, Líbano e Egito foram perseguidas, além de passarem

por severos sofrimentos infringidos pelos turcos. Ao lado do problema político e religioso, conforme Mott (2001), a escassez de terras foi um fator importante de estímulo à emigração. A propriedade de pequenos lotes de terra arável, onde o trabalho na lavoura era feito pelo núcleo familiar, começou a sofrer limites para a partilha entre os filhos, uma vez que o parcelamento chegara a ponto de não mais suprir o sustento de novas famílias.

Vilhena (2001, p.18) assim descreve o quadro econômico, demográfico, político e religioso à época em que se iniciam as emigrações rumo à América: “fome, miséria, superpopulação, medo, perseguições políticas, conflitos religiosos, o jugo e a tirania turco-otomana, caos generalizado”.

Segundo Pimentel (1986, p.42), é importante ressaltar que embora a imigração síria remonte ao mesmo período que a europeia, aquele país não usufruía do mesmo desenvolvimento, pois é sabido que grande parte do continente asiático, na época referenciada, era praticamente semi-industrializado – imperando a produção artesanal - havendo, outrossim, acentuado subdesenvolvimento das mais diversas formas e graus, obstruindo a viabilidade de mudanças na estrutura econômica-política que, neste ínterim, se respalda em moldes primitivos em pleno início do século XX.

Diante desta realidade, à população pobre restava a busca por melhores condições de vida em outras terras. Em face da pressão para deixarem seu país, muitos emigrantes embarcavam às vezes sem saber exatamente para onde estavam indo ou onde desembarcariam em definitivo. O que os movia era o fato de se dirigirem à “América” com as oportunidades que ela oferecia (KHALAF, 1987, p.31).

Iracema Atem afirma que muitos imigrantes, com o objetivo de chegarem aos Estados Unidos, destino principal da imigração árabe, acabavam vindo para o Brasil ou Argentina, enganados pelas companhias de navegação. Afinal, tudo era América. Segundo Knowlton

(*apud* TRUZZI, 2001), os primeiros sírios e libaneses que emigraram para o Brasil, o fizeram porque foram impossibilitados de desembarcar nos Estados Unidos, por problemas legais ou de saúde. Mandados de volta à terra natal, preferiram ficar em países da América do Sul, principalmente no Brasil e na Argentina. É também provável que muitos imigrantes, com receio de não atenderem às exigências rigorosas de entrada no país norte-americano, optassem logo, por países como o Brasil, onde praticamente não havia barreiras. A vontade de emigrar, de chegar à América, onde quer que esta fosse, precedia a determinação por um destino específico.

Na primeira leva de imigrantes sírios e libaneses, várias correntes migratórias chegavam ao Brasil. Os navios traziam árabes, mas também traziam italianos, espanhóis e outros imigrantes. Mas a imigração árabe se caracterizou por sua espontaneidade, sem nenhuma participação direta do governo ou outras forças. Nessa época não era possível que os governos dos países árabes participassem de algum acordo, uma vez que seus Estados não eram ainda soberanos. Como a emigração dos sírios não era subsidiada, aqueles que a faziam, faziam por conta própria, em geral escondidos das autoridades turcas, o que os tornavam bastantes vulneráveis à ação de intermediários que exerciam o tráfico de embarques clandestinos, como observa Duon (*apud* TRUZZI, 2001, p. 4):

Não era raro embarcarem alguns em navios que demandavam portos diferentes do combinado”. Os emigrantes eram destinados à Alexandria (Egito), Gênova (Itália) ou a Marselha (França), onde aguardavam, às vezes por muitos dias, os navios que os conduziram à América. Nos portos de embarque, ficavam sujeitos a toda sorte de embustes. Eram explorados pelos donos das pensões onde dormiam e se alimentavam e pelos comerciantes de roupas que os convenciam de que não poderiam ir para a América portando trajes orientais

Ao desembarcarem no Rio de Janeiro, em princípio, ou no porto de Santos, anos mais tarde, os primeiros imigrantes sírios e libaneses convergiam para três centros principais: ao norte, encontraram o ciclo da borracha; ao sul e sudeste, o ciclo do café; e ao centro, o ciclo

dos minérios. A procura de enriquecimento e progresso fazia com que o deslocamento de imigrantes se processasse sempre em direção de novos centros, atrás de um novo florescimento econômico, de uma nova estrada ou de uma nova mina, enfim, não importavam as dificuldades que encontrariam ou a vida à qual teriam de se sujeitar.⁴

As dificuldades eram muitas, mas era uma fuga movida pela esperança. Daí, para eles valia a pena correr todos os riscos. O maior empecilho era o desconhecimento da língua, o que dificultava a comunicação durante o trajeto. Iracema Atem (80 anos), filha de um casal de imigrantes que se dirigiu para Florianópolis, em 1909, conta um fato interessante, do qual seus pais foram protagonistas:

Quando meus pais chegaram ao Rio de Janeiro, os patrícios que moravam lá encaminhavam e ajeitavam para eles virem pra cá. E o patrício disse a ele: “não se esqueça, você diga Maranhão; não vá descer em outro porto. Aprenda a palavra Maranhão”. Quando o navio parou em Recife, como tinham muitos estrangeiros, eles saíam perguntando os nomes, para saber onde eles iam desembarcar. Aí, chegaram pro meu pai e perguntaram: como é seu nome? Ele respondeu; Maranhão. Não! Seu nome? Aí ele ficou zangado e saiu dizendo: Maranhão, Maranhão! Com medo de o fazerem desembarcar em Recife. Depois, um patrício que estava lá e sabia português, disse: rapaz, ele está perguntando é qual o seu nome? Ele então pediu desculpa em árabe e disse o nome dele.

Em conformidade com Safady (1972, p.83), o florianense descendente de sírios, João Lobo (78 anos), afirma que a vinda dos imigrantes árabes para o Brasil, iniciada em 1871, fez-se tradicionalmente com moradores do campo, lavradores ou proprietários de terras. Esses, porém, não vinham para cá para dedicarem-se à igual atividade, preferindo atuar no que parecia mais propício à obtenção de lucros rápidos, com os quais eles pretendiam voltar às terras de origem. A maior parte dos imigrantes sírios e libaneses que para cá vieram estavam dispostos a trabalhar o que fosse preciso para enriquecer. Esse desejo esteve presente durante todos os movimentos de adaptação e todos os passos de construção de suas vidas neste país.

⁴Dados encontrados no Portal da Comunidade Árabe do Brasil. <http://www.arábias.com.br/imigração3.htm>

Nas Américas, as afinidades culturais, a identidade e o ajustamento desse imigrantes estiveram sempre muito influenciados por sua origem, traduzida em religião, local de nascimento, ocupação e laços familiares como explica Truzzi (2001, p.51). Uma vez que a maior parte dos imigrantes veio com o propósito de permanecer temporariamente, acumular algum capital e retornar, muitos deles iniciaram suas atividades econômicas como mascates, o que propiciou um rápido retorno econômico. Poucos foram os árabes que retornaram a seus países de origem. Dos que se estabeleceram em Florianópolis, os que retornaram ou o fizeram para casar e buscar a família ou tentaram, sem sucesso, se readaptarem e voltaram como afirma Iracema Atem em sua fala.

De acordo com Naff (1985, p.28), o padrão inicial de ocupação dos imigrantes sírios foi a mascateação, e o destino, era preferencialmente, urbano. Acrescenta o autor que praticamente todos aqueles que vieram entre 1890 e 1914, começaram como mascates. E, de fato, visto que eram pressionados pela necessidade de sobrevivência em um país onde tinham que aprender uma nova língua é fácil perceber que a mascateação constitui o fator mais fundamental na assimilação dos sírios na América.

Em Florianópolis, a mascateação se deu de forma semelhante à descrita por Lesser (2001, p.100), segundo o qual os mascates, em geral, usavam mulas para transportar suas mercadorias, e geralmente viajavam em duplas, em parte para reduzir o perigo, mas também para ajudar nos negócios. Sal, tecidos e chapéus constituíam boa parte do estoque e, dada a falta de capital disponível, era comum que o pagamento fosse feito em produtos, e não em dinheiro vivo. Esses produtos eram geralmente revendidos nas áreas urbanas, permitindo que os mascates sírios e libaneses dobrassem sua receita média e logo passassem a investir no setor manufatureiro urbano. Nesta perspectiva, a mascateação era considerada como uma

atividade temporária, como um emprego não permanente. O caminho natural foi, depois de alguns anos de progresso, a abertura de uma loja no ramo de tecidos e armarinho.

Prevaleceu o padrão de se procurar ganhar a vida por meio de pequenos negócios familiares, vendendo diretamente ao público, seja em loja de tecidos e armarinhos, seja em mercearias e quitandas. Quase sempre utilizando a mão-de-obra familiar disponível, em longas jornadas de trabalho, fixando moradia nos prédios das próprias lojas.

No Brasil, conforme Diegues Júnior (1980, p.47), a presença de sírios e libaneses, ou seja, dos chamados “turcos”, se caracterizava pelas atividades no comércio de fazendas e artigos de armarinho e, inicialmente, pela realização do comércio ambulante, o “mascate” ou “matraca”. Quando um turco chega a uma rua para atividade comercial, a rua logo se transforma; toma outro colorido. Instalam-se modestamente, em princípio, vão prosperando e mandando buscar outros patrícios para vizinhos e assim, as ruas antes tipicamente brasileiras vão se transformando, tomando novo colorido étnico, sírio ou libanês.

Os imigrantes sírios e libaneses, com freqüência, concentraram suas lojas estrategicamente, nas proximidades de mercados públicos, igrejas e estações, de modo que os “compradores” tivessem que passar por elas, em seus percursos diários (LESSER, 2001, p.105).

Diegues Júnior (1980, p.53), assim descreve o comércio sírio-libanês:

Os mostruários de bugigangas nas vitrines, as camisas dependuradas, os sabonetes suspensos por cordões, bolsas escolares, brinquedos de criança, a variação enfim, do colorido e dos objetos expostos dão logo a fisionomia da rua o seu caráter sírio e libanês.

A rua assim descrita por Diegues Júnior, muito se assemelha à rua São Pedro, principal artéria do comércio árabe em Florianópolis. Ruas caracterizadas pelas lojas típicas, com os mostruários de vários artigos expostos ao público no exterior da casa, etc. Através deles, chegam até nós muitos traços culturais da arabização⁵. Entre eles, se encontra a facilidade de aceitação dos traços culturais nativos ou brasileiros, sem prejuízo da conservação de alguns que lhes são peculiares, ou de transculturação, já constatada sob vários aspectos.

A participação dos sírios no processo aculturativo de Florianópolis se deu em conformidade com o acontecido no resto do Brasil, como sintetiza Ramos *apud* Diegues Júnior (1980: p.61):

Seus traços culturais já penetraram na vida brasileira, especialmente seus sistemas de negócios, as feiras, os mercados externos, o comércio ambulante, os pagamentos à prestação, hábitos tradicionais oriundos das caravanas da antiguidade fenícia. Suas iguarias e hábitos alimentares também já influenciaram as grandes cidades: a carne no espeto (láhme mixue), o quibe, seu prato principal; o mijádra, o popular prato de lentilhas; o fatuxe, o tabule, etc. Seus doces knape, barázape, manul, groib ..., à base de manteiga, nozes picadas, tâmaras, gergelim, leite, farinha de trigo e açúcar, são apreciadíssimos.

A aculturação alimentar se delineia como afirma Diegues Júnior (*op. cit.*):

De um lado eles substituem as nozes e amêndoas, pela castanha de caju nos seus doces, de outro lado, adaptam ao seu paladar, os pratos brasileiros como a feijoada. Resultam às vezes curiosos sincretismos, como, por exemplo, o uso de churrasco, de fontes indígenas e ao mesmo tempo sírias (o "láhme mixue"...).

Mott (2001, p.22), explica que a influência da cultura árabe está marcada em diversos aspectos da vida brasileira, sendo mais efetiva nas práticas comerciais. Quando os primeiros árabes chegaram ao Brasil, já existiam mascates portugueses e italianos, tanto em São Paulo quanto no Rio de Janeiro. Entretanto, a mascateação se tornou uma marca registrada da

⁵ Expressão usada para demonstrar a forte presença desse povo na sociedade brasileira.

imigração árabe. Nesta atividade, esses imigrantes introduziram inovações que, hoje, são vistas como traços marcantes do comércio popular: redefiniram as condições de lucro; introduziram as práticas de alta rotatividade e alta quantidade de mercadorias vendidas, das promoções e das liquidações. Essas inovações revelam o traço definidor da versão árabe da mascateação: o consumidor.

O Piauí, apesar de ter recebido um número pequeno de imigrantes árabes, a presença de sírios e libaneses introduziu mudanças significativas no cotidiano do Estado, notadamente no que se refere às práticas comerciais.

A seguir, busca-se evidenciar a presença da comunidade síria em terras piauienses.

1.3. A fixação de árabes no Piauí

A chegada dos imigrantes sírios no Piauí na apreciação de Vilhena (2001; p.25), é posterior às primeiras levas de imigrantes árabes chegados ao Brasil, que se fixaram nos grandes centros urbanos onde o comércio florescia e prosperava, principalmente na região sudeste onde o café cultivado assumia o posto de principal produto de exportação do Brasil, e também na Bahia e no norte do país, onde o cacau e a borracha, respectivamente, se constituíam em verdadeiras fontes de fortuna. De acordo com o autor, os primeiros imigrantes sírios e libaneses, chegaram ao Piauí no final do século XIX e se fixaram nas cidades situadas às margens do rio Parnaíba: Teresina, Floriano e Parnaíba, sendo que esta recebeu um contingente menor.

Acredita-se que os primeiros imigrantes árabes que chegaram ao Piauí destinavam-se inicialmente ao Estado do Pará, atraídos pelo comércio da borracha, produto de larga aceitação no mercado internacional. Esses imigrantes chegavam até São Luis, no Maranhão, de onde

vinham as notícias das riquezas que afluíam dos manjorobais e fazendas de gado, como relata a professora Josefina Demes em entrevista concedida a Marcos Vilhena e João Kenned (2000, p.31):

Os primeiros árabes que chegaram ao Piauí, por extensão a Floriano, se destinavam ao Pará, onde o dinheiro corria fácil com a comercialização da borracha, um produto de larga aceitação no mercado internacional. Mas, ao passarem por São Luis do Maranhão, eram dissuadidos de seus intentos, de seus propósitos, pelos patricios que ali residiam, sob a alegação de que aquela terra, além de exaurida, estava infestada de índios comedores de gente. Aconselharam a ir para o Piauí, terra de gente pacata e que com suas opulentas fazendas de gado era tão prospera quanto a outra [...] é que aqui, a colônia de São Pedro de Alcântara, aliás, a vila, pois já era vila e tinha nome de Vila da Colônia, hoje Floriano, ela exportava em grande escala a manjoroba através do porto de Tutóia no Maranhão.

De acordo com depoimentos de Luis Paulo, João Lobo e Iracema Atem, os sírios que se estabeleceram em Floriano, ao chegarem a São Luís, encontraram patricios bem abastados, que já tinham construído fortunas e dominavam o comércio daquela cidade, e ficavam sobrecarregados com a chegada dos jovens imigrantes, a quem eles se sentiam no dever de dar alguma assistência. Diante da impossibilidade de manter essa “regra”, a melhor saída era então, encaminhá-los para outras cidades.

Também, lembra João Lobo (78 anos), na sua fala que,

Os mais preparados e os que tinham mais recursos iam direto para São Paulo. E os mais pobres, que na grande maioria eram lavradores, criadores e tinham menos instrução ficavam no Nordeste, onde eles acreditavam que a vida seria mais fácil. Infere-se assim que o destino era determinado também pelas condições socioeconômicas, o que justifica o fato da maioria dos pioneiros imigrantes que desembarcaram em terras piauienses serem pobres e de pouca escolaridade. Posso assegurar que os primeiros que chegaram em Floriano eram pobres

Orientados a seguirem para o interior, muitos chegavam ao Médio Parnaíba e se estabeleciam, como destaca João Lobo citando a trajetória de seu próprio pai:

Quando os novos imigrantes chegavam, eles procuravam empurrar os novos para o interior. Meu pai chegou em São Luis e mandaram ele para Teresina. Quando ele chegou em Teresina, os sírios mais velhos lhes disseram: o povo da sua aldeia, da sua cidade que era uma cidadezinha próxima de Damasco, estão em Floriano. Vá para Floriano. O interior era Floriano.

Então, os sírios nos vapores, nas gaiolas, eram empurrados para Floriano. De fato, em Floriano já existiam alguns contrerrâneos da cidade de Khabab, uma pequena cidade da Síria, próxima de Damasco, como Salomão Mazuad, por exemplo.

Segundo Truzzi (1997, p. 145), a presença de imigrantes sírios e libaneses pelo interior do Brasil se deve a um fenômeno que ele denomina efeito corrente, posto que a presença de cada imigrante sírio ou libanês nas cidades mais longínquas do interior do Brasil pressupunha uma certa ligação com aqueles imigrantes outrora instalados nos grandes centros comerciais. Essa corrente, ligando os desbravadores mascates que se aventuravam pelo interior do Brasil aos comerciantes árabes já estabelecidos, funcionava através de um mecanismo de ajuda que consistia no fornecimento de mercadorias e em instruções sobre os caminhos que deveriam ser seguidos.

Conforme Pimentel (1986, p.25), o primeiro sírio a chegar no Piauí foi o mecânico Nicolau Abib Tajra, na cidade de Teresina, no ano de 1900. Comparando à entrada do primeiro imigrante desta nacionalidade no Brasil - João Abd El Salim em 1873 - evidencia-se um lapso de 17 anos.

Por esse período, o Piauí passava por profundas transformações. Impulsionada pelo ciclo da maniçoba e depois pelo comércio da carnaúba, a economia do estado buscava libertar-se da dependência do Maranhão e integrar-se ao comércio internacional. A fundação da Companhia de Navegação do Rio Parnaíba, em 1858, consolidara as cidades de Parnaíba e Floriano como importantes entrepostos comerciais. Com a transformação do rio Parnaíba em rota comercial, as cidades e vilas situadas às margens do trecho navegável do rio, passaram a constituir “mercados que impulsionaram e dimensionaram a economia” (TAJRA e TAJRA FILHO *apud* VILHENA, 2001). Conseqüentemente, a economia piauiense, antes agrícola e rural, tornava-se, cada vez mais urbana, concentrando suas atividades comerciais nas cidades de Amarante, Floriano, Teresina, União e Parnaíba.

As perspectivas de progresso do Piauí, principalmente no que se refere ao comércio, eram bastante favoráveis, o que certamente motivou a vinda dos imigrantes, como retrata Vilhena (2001 p. 52).

Neste contexto de busca de integração regional, de expansão e desenvolvimento comercial, as cidades que se caracterizaram como entrepostos comerciais passaram por um período de transformação e modernização de seu espaço urbano, de mudanças infra-estruturais e assistiam ao surgimento de freqüentes novidades que traziam ‘em si um susto, um movimento de admiração e também um frêmito de medo’. Entre tantas novidades da época, as cidades de Floriano, Teresina e Parnaíba assistiam, uma após outra, a chegada de estrangeiros de voz gutural, incompreensível, de gestos e aparência estranhos, dispostos a enfrentar todas as adversidades e intempéries na concretização de seus sonhos de ‘fazer a América’ (TRUZZI *apud* VILHENA) e amealhar fortuna, de estabelecer e fixar freguesia, seguindo os passos de seus patrícios que nos anos antes haviam se instalado no Centro-Sul do Brasil. Os “carcamanos” chegavam ao Piauí

Diferentemente do designativo “turco”⁶ utilizado para identificar os imigrantes sírios e libaneses no resto do Brasil, no Piauí eles foram chamados de “carcamanos”⁷, termo que além de apontar para a origem do imigrante, a princípio, era utilizado no sentido pejorativo, pois a ele estão associados idéias de avareza, mesquinharia, excesso de interesse por dinheiro, deslealdade nos negócios e discriminatório.

“carcamano” é um termo que em sua origem, comporta sentido único, de diferenciação em relação ao estrangeiro, com o qual a provinciana cidade de Floriano de finais do século XIX, irá marcar e identificar os imigrantes árabes que, aos poucos, irão ali se instalar a partir daquele momento (VILHENA, 2001, p. 65).

O autor ressalta que, ao designativo “carcamano” foram incorporados outros sentidos como os hábitos e costumes, as características, as diferenças, as desconfianças, enfim, o que houvesse de estranho nos novos habitantes. Com o passar do tempo, o termo foi

⁶ Assim chamados porque seus passaportes eram carimbados pelo governo da Turquia que, então, dominava a Síria e o Líbano.

⁷ Termo utilizado anteriormente para designar imigrantes italianos que se instalaram na Colônia de São Pedro de Alcântara no final do século XIX e, posteriormente, estendido aos imigrantes sírios, libaneses e seus descendentes estabelecidos em Floriano, Piauí.

perdendo a conotação inicial e sendo naturalmente aceito pela comunidade árabe do Piauí. Em Floriano, chamar alguém de carcamano, nos dias atuais, é uma distinção positiva, pois está mais associado ao sucesso dos referidos imigrantes.

CAPÍTULO II - OS ÁRABES EM FLORIANO: APRENDENDO COM O OUTRO

2.1. Os primeiros árabes: a chegada em Floriano

A cidade de Floriano nasceu de um projeto ambicioso do jovem piauiense Francisco Parente, primeiro Engenheiro Agrônomo do Piauí, que foi até o Imperador D. Pedro II e expôs a ele um projeto de criação de uma Colônia Rural, na qual se aproveitaria a mão-de-obra ociosa dos libertos e ingênuos, advindos da Lei do Ventre Livre. Era um projeto inovador que apresentava a construção de uma escola que tinha como objetivo educar os negros libertos para que eles se tornassem técnicos em agricultura.

Com a fundação do Estabelecimento Rural São Pedro de Alcântara, começaram a chegar pessoas, inicialmente de cidades vizinhas e depois de outros Estados nordestinos. Na época, também chegaram os primeiros imigrantes árabes que ao se estabelecerem, interferiam na construção e no desenvolvimento da Princesa do Sul.

Para Vilhena (2001: p 36), os primeiros imigrantes sírios que chegaram ao Piauí se fixaram em Floriano - na época, ainda Vila da Colônia - e depois Teresina e Parnaíba, já nas duas primeiras décadas do século XX. Cita o autor que o primeiro sírio a chegar a Floriano foi Antun Zarur⁸ em 1889. O elemento utilizado para reforçar a afirmação de Vilhena é o fato de Antun Zarur ter chegado quando Floriano ainda era vila, pois, a elevação a cidade ocorreu somente em 8 de julho de 1897. Nesta perspectiva, o primeiro sírio a chegar a terras piauienses, teria sido Antun Zarur em Floriano⁹ e não Abib Tajra, em Teresina, como afirma Pimentel (1986).

⁸ Natural de Maalula, uma aldeia encravada nas encostas do monte Kalamun.

⁹ Foram levantadas algumas dúvidas, após a comemoração do centenário da imigração árabe no Piauí, realizada em julho de 1989, numa festa organizada pela comunidade de sírios e libaneses da cidade de Floriano.

Segundo DEMES (s/d), Zarur confia ao amigo e vizinho, Deoclécio Ribeiro, que numa aventura sem precedentes aqui chegou. Na sua nova terra, abriu loja, padaria e um bar à entrada da rua São Pedro, ganhou dinheiro e progrediu. A dolorosa solidão dos primeiros anos era em pouco tempo minorada pela chegada de um outro patrício de nome Estevão Salem, oriundo do Governadorato de Houran.

Depois de Estevão Salem os caminhos estavam abertos para seus patrícios e, em pouco tempo, os árabes eram contados às dezenas em Floriano, na sua maioria rapazes solteiros que professavam o cristianismo, provenientes da zona rural onde faziam da agricultura sua principal atividade. Os últimos a chegarem, foi na década de 1950 e, como já havia muitos deles no Brasil, a escolha por Floriano se dava, principalmente, por intermédio de parentes, diferentemente dos primeiros que ocorria porque os patrícios aconselhavam a seguir para o interior. A família Oka foi uma delas como afirma Salomão Oka (26 anos, odontólogo, descendente de sírios, 2ª geração):

Veja o exemplo do meu avô. Ele veio pro Brasil em 1948. Nós fomos uma das últimas famílias a chegar e é por isso que eu acredito que as tradições ainda estejam um pouco vivas, no nosso caso, ele veio por causa das irmãs dele, que já estavam aqui. Uma delas estava estabelecida no Ceará, no Município de Quixadá, e a outra aqui, em Floriano. Quando ele veio, inicialmente, ele ficou em Quixadá por alguns anos, acho que dois ou três. Mas aí, um dos cunhados dele, que já estava aqui no Brasil, Hagem Mazuad, casado com a outra irmã dele, Turkie Oka Mazuad, fez o convite: *“Vem cá, vamos conhecer o lugar”*. Quando ele chegou a Floriano, viu aquela urbe árabe. Os contemporâneos e conterrâneos dele, e olha que eram muitos patrícios, todos falando em árabe, todos comerciando, fazendo comércio à maneira árabe... Aquilo o satisfez muito. Então ele deixou a companhia da irmã que estava em Quixadá e veio se estabelecer em Floriano, com loja comercial na já tradicional rua São Pedro. Aqui ele encontrou o apoio dos patrícios e pôde começar seu próprio negócio, onde ele se destacou e obteve êxito, podendo dar estudo para os filhos que quiseram, e os que não quiseram continuaram no comércio.

À medida que iam chegando e se estabelecendo à vida pacata e promissora de Floriano, os árabes informavam seu patrícios que também se interessavam e chegavam às dezenas até a década de cinquenta do século passado.

2.2. A inserção dos árabes na cidade

Na época da chegada dos primeiros árabes, Floriano, na fala de Iracema Atem, “ainda era um lugar muito atrasado”. Apesar de estar situada numa região privilegiada e já se apresentar como importante entreposto comercial da região - o comércio já começava a ocupar lugar de destaque - não oferecia muitas opções de trabalho, de lazer e de moradia.

O comércio ainda era incipiente mas já dava sinais de crescimento e a atividade rural mais expressiva era o extrativismo vegetal da maniçoba e o pó de carnaúba. Os vapores do rio Parnaíba ou burro de sela eram os principais meios de ligação com outras cidades (João Lobo).

Esses imigrantes provenientes do meio rural, onde faziam do plantio agrícola a principal atividade, podiam ter seguido a mesma atividade já conhecida por eles, mas o espírito fenício os impulsionou a comerciar, como sugere a síria, Rosa Mazuad (66 anos). Não necessariamente por esta herdada inclinação natural, atividade que, no dizer deles, “está no sangue” (FIGOLI, 2004), pois não se trata de uma atividade econômica que os imigrantes praticassem nos locais de origem, sendo a agricultura familiar e as criações, as ocupações econômicas mais citadas pelos demais entrevistados, inclusive Rosa Mazuad. A opção pelo comércio se justifica mais como estratégia frente às escassas opções de trabalho no período da chegada. Com a determinação de acumular riqueza e retornar à terra natal, mascatear foi a atividade econômica mais adequada ao projeto de enriquecimento rápido, além de conferir uma certa autonomia de trabalho (TRUZZI, 1997). Sem contar que a referida atividade, dispensava qualquer habilidade técnica, bem como recursos econômicos mais consideráveis.

Dedicaram-se, pois, ao comércio que em pouco tempo dominaram, transformando-se nos maiores comerciantes da região. Eram mascates, isto é, ambulantes que saíam vendendo pela região do Piauí, do Maranhão, montados em burros com aquelas malas, o que causou certa estranheza aos nativos quando da preferência pela atividade comercial. Segundo Luis Paulo, essa determinação dos sírios contribuiu para que localidades, longe dos centros urbanos,

tivessem contato e acesso às novidades trazidas de “fora”. Estimulados pela situação de pobreza e pela ambição, trabalhavam duramente, viviam frugalmente empregando seus ganhos na expansão de seus negócios, nos quais madrugavam na ânsia de consolidá-los.

Quando se dispuseram a deixar sua própria terra em busca dos seus destinos, sabiam, de antemão, que era uma viagem de retorno imprevisível, na qual estavam selando a sua própria sorte. Restava-lhes somente vencer ou sucumbir. Conforme Josefina Demes, tudo aqui lhes foi adverso: “o sol lhes queimou a tez e o linguajar estranho feriu-lhes o ouvido. Por conseguinte, o branco albornoz esvoaçante foi substituído por um exótico chapéu felpudo”. Revela ainda, em seus escritos, que “a nostalgia da pátria distante era mitigada em rodas nas calçadas com narrações de trechos das Mil e Uma Noites”.

O processo de inserção dos primeiros imigrantes sírios em Floriano, não foi tão amistoso como pode parecer. O que aconteceu com os imigrantes árabes em quase todo o país, em Floriano não foi diferente, sendo eles vistos com certa desconfiança e preconceito. Além do impacto provocado pela dificuldade de se comunicarem pelo desconhecimento da língua portuguesa eles também provocaram reações adversas em decorrência da forma de desempenhar suas atividades comerciais, fato comentado por Josefina Demes, Iracema Atem e Lourdinha Salha¹⁰ nas suas entrevistas.

Os sírios dedicaram-se ao comércio, que em pouco tempo dominaram, provocando em parte dos comerciantes locais, motivos de apreensão, gerando uma hostilidade que aos poucos foi se avolumando, se radicalizando, culminando com a tentativa de “expulsão” dos aventureiros mascates que se refugiaram na fronteira cidade de Barão de Grajaú - Maranhão.

¹⁰ Josefina Demes é síria, Lourdinha Salha e Iracema Atem são da 1ª geração de descendentes sírios do Brasil). A entrevista de Josefina Demes foi concedida a Marcos Vilhena e João Kenned, em 2000. As demais foram concedidas a este autor.

Este fato é confirmado por SILVA (1992, p.28) que ainda destaca a recepção hospitaleira dos baronenses aos assustados e encurralados árabes:

Os árabes chegaram a Floriano nos fins do século, através do rio Parnaíba. O comércio, principal atividade econômica desse povo, foi o ponto chave do conflito entre estes e os brasileiros. Devido a esse desentendimento, os árabes recebem ordem para deixar a cidade, em 1915. Essa comunidade rumou para Barão de Grajaú, que a recebeu com hospitalidade. O impasse foi logo resolvido pelo governo do Piauí e os árabes retornaram à cidade de Floriano, tendo permanecido, apenas 15 dias em Barão de Grajaú, deixando, inclusive, marcas da sua estadia.

Alguns florianenses se manifestaram contrários à expulsão dos sírios e recorreram ao então governador do Estado do Piauí, dr. Miguel Rosa, para que o mesmo interviesse na questão e garantisse o retorno dos sírios a Floriano. O governador não somente se solidarizou aos defensores dos árabes, como também enviou telegrama para o prefeito e para o delegado de polícia, exigindo o retorno dos sírios a seus lares.

Não se sabe ao certo quem determinou a medida que expulsou esse povo, mas Josefina Demes em busca de uma resposta faz esta observação:

O que se pode dizer sem contestação é que nada acontecia em Floriano sem que o Major Carlino Nunes, eficiente delegado de polícia, não soubesse. Cidadão educado, de maneiras distintas, não obstante conduzia a cidade que monitorava com pulso de ferro, tomando, por vezes, medidas drásticas ou arbitrarias, que executava pessoalmente com muita coragem. Décadas mais tarde, em ocasionais encontros, o antigo delegado insistia em me fazer acreditar que nada sabia acerca da expulsão dos árabes, de quem se dizia, na verdade, grande amigo. Assim sendo, na época, houve uma especulação de que aquele lamentável episódio tivesse o dedo do Major Carlino Nunes.

Também, não se tem conhecimento exato de como se processaram, na esfera oficial, os desmanches para o desiderato da questão. Ainda segundo Josefina Demes:

O que se sabe é que poucos dias depois, o governo Miguel Rosa enviava o enérgico telegrama através do qual exigia das autoridades locais a garantia do retorno, sem atropelos, dos sírios aos seus lares em Floriano. E sabem quem estava na beira do rio para recebê-los? O Major Carlino Nunes.

Outra situação de acentuado conflito entre árabes e florianenses se deu quando da apresentação da peça “O Marido Enganado” pelo grupo teatral Troupe, no Cine Teatro Polytheama. O fato, conhecido pelos mais velhos, aconteceu em 1931, como relata Demes, (s/d):

A peça se chamava “O Marido Enganado - Comédia em Três Atos”. A novidade atraiu o interesse da sociedade local, que lotou as dependências do teatro. A encenação se inicia e no primeiro ato surge um sujeito em colóquio amoroso com uma bonita loira. O marido, francês, flagra a esposa, nada faz e sai. No segundo ato, o marido traído é um inglês que, diante do que vê, apenas propõe divórcio. No terceiro ato, o marido enganado era um atarracado árabe que já entra de revólver em punho. A colônia árabe, ali presente vibrou com a atitude digna de seu patrício. Mas a euforia durou pouco, porque, logo a seguir, o pilantra pergunta ao “destemido” marido árabe se ele queria vender a arma e a partir daí, o árabe esqueceu o episódio e foi negociar com o intruso. Os sírios presentes levantaram-se enfurecidos, xingando e atirando no palco chapéus, sapatos e tudo mais que tinham às mãos. Imediatamente o espetáculo foi suspenso, mas no salão, a briga entre os que queriam a continuação do espetáculo e os árabes, a que a eles se opunham, era feia. Na confusão, um brasileiro mais exaltado gritou: “a terra é nossa, carcamano sem bandeira”! Aí, a confusão aumentou. Da palavra, passaram à ação e brasileiros e árabes travaram uma briga sem precedentes, havendo a necessidade da intervenção da polícia para acalmar os ânimos. A apresentação foi suspensa, mas o impasse se prolongou até o dia seguinte e a cidade ficou dividida. Daí, os artistas recorreram aos sírios mais moderados como Calisto Lobo, Assad Kalume e Amad Bucar, a quem propuseram retirar da peça o ato considerado ofensivo e assim, concluir a temporada programada. A princípio, os árabes exigiram uma retratação pública diante de tamanha ofensa. Finalmente, acharam melhor, mandar a companhia ir embora, prevendo mais transtornos.

Segundo Iracema Attem (80 anos), se para os sírios serem chamados de carcamanos, na época, já era discriminatório, mais forte ainda foi, publicamente, deixarem claro que essa terra não lhes pertencia. Como se não bastasse, a desmoralização provocada pela própria encenação da referida peça.

Para os imigrantes que chegaram na década de 1950 e encontraram seus patrícios bem estabelecidos, a recepção foi bem diferente, como relata Rosa Mazuad (66 anos):

Segundo meus pais, a recepção não poderia ter sido melhor. O brasileiro é hospitaleiro por natureza. Foram bem recebidos, não só pelos brasileiros como também pelos patrícios que já se encontravam aqui, inclusive, alguns

eram parentes. A recepção não podia ter sido melhor. Quando chegaram, Floriano era uma cidade pequena, muito boa para se viver e muito acolhedora. Eles vieram para encontrar os parentes que estavam aqui há alguns anos. Chegaram no dia 15 de outubro de 1947 sob festa não só dos patricios, mas de toda a comunidade. Os que moravam na cidade já estavam integrados ao meio o que ajudou para essa receptividade, como se diz, de tapete aberto.

Mesmo diante das dificuldades de adaptação com o clima e, principalmente, com a língua, somada a ação preconceituosa dos florianenses, em pouco tempo, estavam adaptados à nova terra, como menciona Rosa Mazuad:

Tivemos dificuldades com o clima, com a língua; isso foi um pouco agressivo no início. Depois, nos adaptamos a tudo e passamos a amar - com o nosso crescimento e o desenvolvimento dos nossos pais – como nossa pátria. Quando chegamos aqui, realmente, foi um pouco difícil porque Floriano era ainda uma cidade muito atrasada. E quando falávamos em nossa língua – nós nos comunicávamos em árabe, eles riam da gente. E nós jovens tínhamos vergonha até da nossa língua. Nós achávamos que os brasileiros ficavam rindo, debochando da gente. Eles tinham muito preconceito com a nossa língua e nós nos envergonhávamos de falar em público.

A determinação dos imigrantes era tanta, que através do convívio familiar os pais deixavam evidente para os filhos a necessidade da imediata integração ao meio. Conforme Iracema Atem (80 anos), eles estavam tão decididos que buscaram estabelecer boas relações de amizade com os florianenses, assimilar seus costumes e se inserirem no meio. E nesta deliberada busca de adaptação, a negação de um provável retorno se confirma, quando eles abrem mão de transmitir a própria língua para seus filhos. E Iracema conclui:

Nossos pais só falavam em árabe com nossas mães. Com os filhos eles só falavam o português; tanto que a gente não sabe falar árabe. Até mesmo os filhos que vieram ainda pequenos de lá, foram poucos que aprenderam a língua por intermédio dos pais.

A escolha dos pais de ocultar a língua pátria para os seus filhos e o esforço para que os mesmos aprendessem a falar o português se dá quando as crianças, ainda com pouca idade, são matriculadas em escolas locais para aprenderem a ler e escrever. Isso fez com que o

idioma dos árabes não tivesse continuidade, como traduzido no depoimento do descendente de sírios Salomão Oka (26 anos) :

Eu acho que nem foi tão instantâneo e nem tão paulatino. Foi num momento certo e na medida certa. Os árabes foram se integrando primeiro comercialmente e, juntamente com o êxito financeiro veio o êxito social. Houve um período entre os anos 50 e 70, em que a fina flor da sociedade florianense era árabe ou tinha relações com eles. Essas relações eram comerciais, políticas, religiosas. O Sr. Salomão Mazuad tinha, sozinho, mais de 500 afilhados, de interesses e, finalmente, sentimentais e familiares. Os árabes que obtinham destaque mandavam seus filhos estudarem fora. Ao voltarem formados, esses representantes dessa primeira geração casavam-se, muitíssimas vezes com brasileiras, outras com árabes ou descendentes, ou então eles já voltavam com suas relações afetivas definidas na cidade onde se graduaram já casados ou noivos. Essa geração começou a miscigenação, pois poucos árabes natos não trouxeram suas esposas, apesar de haver, logicamente, diversas exceções. Muitos descendentes evitavam ou tinham vergonha de falar árabe para se integrar mais rapidamente com amigadas nativas. Acho que, nesse sentido, o idioma foi o primeiro que pereceu.

Segundo Pimentel (1986: p.58), houve uma tentativa, na cidade, de se criar uma escola exclusiva para educar os árabes e seus descendentes, porém, este fato não foi confirmado por nenhum dos entrevistados. De acordo com João Lobo, nem mesmo seu pai, que era professor primário na Síria, chegou a pensar em tal idéia e sequer chegou a comentar o assunto com seus filhos. Com o contato diário que se dava nas escolas e na vizinhança, em pouco tempo a garotada já se expressava sem maiores embaraços em língua portuguesa.

Falando o português e se comunicando sem embaraços com seus patrícios, os filhos causavam admiração e orgulho aos pais, que passavam a se interessar em aprender com eles a também se comunicar sem maiores reservas. A vontade era, ao mesmo tempo, necessidade de aprender o português, como é ilustrada por Iracema Atem (80 anos), quando fala no esforço da mãe para entender melhor o idioma:

Minha mãe não pode estudar lá na Síria. Como havia nascido em 1908 e em 1914 arrebentou a Guerra, ela ficou sem estudar. Quando completou quatorze anos se casou e veio embora para o Brasil. Aqui, ela vivia sempre com vontade de aprender o português. Em compensação, em matemática, aritmética e conta ela era espetacular. Ninguém a enganava. Quando chegou

o Mobral - Movimento Brasileiro de Alfabetização - em Floriano, ela pediu à professora Tereza Atem uma cartilha específica do curso e ficou aprendendo sozinha e com a ajuda da neta, para dizer as coisas que ela não sabia. Dessa forma ela aprendeu a ler.

Floriano já se apresentava como o lugar definitivo, a nova pátria. O interesse de retornar não parecia mais existir. A seus filhos foram dados nomes brasileiros. A aceitação de brasilidade, da construção de uma nova identidade se consolida progressivamente e se revela: “até os nomes dos filhos eles colocaram aqueles genuinamente brasileiros. Eu, por exemplo, sou Iracema¹¹ e minha irmã é Isaura¹²”.

Como o objetivo maior dos carcamanos era se estabelecerem como comerciantes, edificar residências e sobrados e acumular fortunas, inicialmente, apenas alguns deles se preocuparam em relação à educação. A intensa dedicação ao trabalho e a prioridade da participação dos filhos nas atividades comerciais evitaram que tivessem esse pensamento. Outros, em anos posteriores, viram na educação dos filhos, a consolidação do sucesso no Brasil, como cita João Lobo, na sua entrevista:

Os pioneiros não eram provenientes da parte culta da Síria, sendo na maioria analfabetos, o que justifica o fato de poucos deles investirem na educação dos filhos. Mas foram os sírios que começaram a mandar seus filhos estudarem em outros Estados. Mais tarde chegaram os sírios mais cultos, como David Kreit, Hagem Mazuad, Hassan Oka, entre outros.

O crescimento da atividade comercial, em parte pela posição de Floriano no estado do Piauí, mudou a mentalidade dos seus habitantes, uma vez que houve o aumento de visitantes para tratar de negócios, inclusive de outros Estados, que traziam notícias dos diferentes pontos do país e do mundo, assim como dos diversos setores da criação humana, que despertaram, principalmente nos árabes, a curiosidade e o desejo de ver seus filhos fazendo parte desse mundo promissor fora do campo comercial.

¹¹ Índia, personagem de um romance do escritor cearense José de Alencar.

¹² Escrava, personagem do romance A Escrava Isaura, de Bernardo Guimarães.

Com situação financeira bem definida muitos deles decidiram enviar seus filhos para estudar em outros Estados. O título de “doutor” passa a ser o desejo perseguido por aqueles homens analfabetos e semi-analfabetos que viam na continuidade da educação a forma mais correta de mostrar a plena integração com o meio e da ascensão social. Além de despertar o interesse dos florianenses em dar continuidade à educação de seus filhos, os pioneiros sírios tiveram seus esforços recompensados e inseriram na comunidade diversas categorias profissionais como engenheiros, advogados, dentistas, médicos, farmacêuticos, professores, políticos e outros.

Alguns dos imigrantes tinham maiores conhecimentos e até experiência educacional como, por exemplo, Calixto Lobo, um dos mais proeminentes sírios, como afirma seu filho, João Lobo (78 anos):

Meu pai era um professor primário na Síria. Acredito ser o maior alcance que ele poderia chegar lá, no campo educacional. Ele sabia ler bem em árabe, conhecia bem os grandes poetas e os grandes historiadores. E quando chegou aqui, aprendeu depressa o português, e sabia escrever, fluentemente, o português e o árabe. E ele se preocupou em educar seus filhos.

Igualmente, agiram os conterrâneos e amigos, Adalla Atem e José Demes, estes, indo além, pois, mesmo diante da comum preferência em educar os filhos homens, esses dois investiram na formação não apenas dos filhos, mas, também, das filhas como cita Iracema Atem (80 anos):

No princípio, existia certa preferência pelo filho homem, porque o árabe acha que o filho homem representa a continuidade da família; ele leva o nome além. Já a mulher, era mais preparada para casar. Quando muito, para ser professora. Então, não se dava muita importância aos estudos da mulher. Os filhos de meu avô, mesmo as mulheres – que naquele tempo não se dava importância aos estudos das mulheres – ele botava pra estudar. Tanto que tia Sehda - casada com Zé Demes - mãe de dra. Josefina, ela sabia ler e escrever corretamente o árabe. O pai dela tanto dava educação para os filhos como para as filhas. Tanto é que eles tinham três filhos formados. Ele formou um filho em Medicina e as duas filhas em Farmácia.

Outro aspecto de inserção está ligado à participação dos imigrantes árabes na política. Depois que a primeira geração de imigrantes sírios e libaneses prosperou, acumulou fortuna e conquistou lugar de destaque na economia florianense, abriu caminho para que seus filhos herdeiros começassem a aventurar-se em outras áreas. O ingresso na política foi o caminho natural para um povo acostumado a superar desafios, convencer compradores das qualidades dos produtos que vendiam, sem contar com o exercício dialógico do ato de mascatear em lombos de burro interior a dentro. E os descendentes sírios souberam dar continuidade ao processo de ascensão social de seus pais, chegando a ocuparem posições de destaque no cenário político municipal, estadual e federal.

O elenco de personalidades políticas florianenses descendentes de árabes é composto de vereadores: Defala Atem, Pedro Attem, Fauzer Bucar, Abraão Kalume, Issa Mazuad, Tereza Chaib, Elza Bucar, Antônio de Pádua Kalume, Carlos Bucar e Elda Bucar; como vice-prefeito: Arudá Bucar de Arruda; como prefeito: Fauzer Bucar; deputado estadual: João Calixto Lobo; deputados federais: Mussa Demes e Jofran Frejat/Brasília-DF e de Senador da República: João Lobo. Nome como de Josefina Demes merece destaque pela participação pioneira como candidata a vereadora pelo PTB de Getúlio Vargas, em 1950. Não foi eleita, mas recebeu a maior votação do eleitorado florianense entre todos os candidatos. Segundo Santos (2005, p.65), apesar da expressiva votação ela não foi eleita porque o PTB não teve legenda suficiente para eleger um vereador.

Com tantas diferenças, a religião seria apenas mais uma delas, mas felizmente, não se constituiu em obstáculo. Pelo contrário, serviu de elo de aproximação, pois a maioria dos imigrantes era cristã, religião da quase totalidade dos florianenses. Do que foi apurado, apenas dez por cento da população síria, na época, era católica e o resto muçulmana. Entretanto, os sírios que vieram de Khabab e Maalula para Floriano, eram católicos, com raras exceções, a citar a família Bucar, que é de Homs, região densamente islâmica da Síria.

A necessidade e vontade de se integrarem ao meio eram tão evidentes que os imigrantes logo procuravam se naturalizar brasileiros e se mostravam aborrecidos quando tratados como diferentes dos nativos, como afirma João Lobo (78 anos):

A coisa que mais chateava os sírios aqui era chamá-los de carcamanos e dizer que eles não eram brasileiros. Meu pai foi naturalizado em 1920 e desde então passou a ter cidadania brasileira. E assim queria ser visto. Então, a formação cultural de Florianópolis, não foi muito influenciada pelos sírios não. Os florianenses foi que influenciaram os sírios. Agora, o que os sírios deram a ela, foi essa noção do comércio.

De modo particular, João Lobo, relembrando os tempos de infância, retrata a adesão de seus pais aos hábitos da cultura local:

Ninguém era mais caboclo, não tinha uma casa mais florianense do que a casa do meu pai. Lá não se dizia uma frase em árabe. Meu pai só falava em português com minha mãe; nós só comíamos arroz com feijão, maria isabel, assado de panela. A nossa alimentação era essa. Era uma raridade quando minha mãe dizia: “vou fazer uns quibes pro Khalil”.

Essa vontade e necessidade de integração com o novo meio, associadas à boa receptividade de grande maioria de florianenses, contribuíram para facilitar o processo de inserção dos sírios e libaneses. Em pouco tempo, nomes que eram estranhos e de difícil compreensão passaram a fazer parte do cotidiano da cidade e constar em cardápios, nomes de ruas, escolas, avenidas e logradouros públicos e privados. Com o progresso econômico e intelectual os sírios adquiriam mais prestígio e passaram a ser vistos e aceitos de outra forma, como afirma o florianense, Theodoro Sobral (55 anos):

Os árabes passaram a desfrutar da nossa convivência e se tornaram pessoas maravilhosas como foi Calisto Lobo, como foi Milad Kalume, uns mais sábios, mais cultos outros menos, mas na verdade é que eles passaram a ser pessoas bem conceituadas na cidade, pelo seu poder econômico e pelo seu carisma. À medida que eles foram se estabelecendo e progredindo, os florianenses passaram a aceitá-los melhor, a vê-los melhor.

Mesmo assim, os casamentos entre árabes e florianenses só começaram a acontecer com membros da segunda geração já nascidos piauienses. Não obstante, foram muitos os

casamentos da segunda geração que ainda se efetivaram entre os próprios patrícios, e, às vezes, dentro da própria família (TAJRA 2006, p.57), como confirma Rosa Mazuad (66 anos):

Em princípio, os casamentos eram monogâmicos. Os pais gostariam que seus filhos se casassem com pessoas da mesma cultura. Direccionava-os a casarem com alguém da mesma raça. Depois, com a abertura, passou a ser livre escolha, desde que fosse da mesma religião.

No entendimento de Iracema Atem (80 anos),

Entre os brasileiros não havia quem não quisesse que seus filhos não casassem com filhos de árabes. Muito pelo contrário; eles achavam que os árabes eram trabalhadores, honestos e ordeiros. E faziam muito gosto, como também os árabes faziam gosto em casar suas filhas com florianenses.

Para Rosa Mazuad, os florianenses tinham orgulho em casar com uma filha de sírio, “pois nós éramos prendadas, muito bem criadas e tínhamos conceito e moral muito elevados”, conclui. Além disso, o elevado poder aquisitivo e posição social dos bem sucedidos imigrantes, também não deixavam de ser um forte atrativo.

Assim, os casamentos entre árabes e florianenses foram lentamente acontecendo e dessa mistura de raças e culturas tão distintas, desse encontro com o outro, começaram a surgir os Kalume da Silva, os Pereira Atem e o processo de integração dos antes estranhos carmamanos com os piauienses, se deu de forma mais efetiva.

A seguir algumas declarações de jovens descendentes e não descendentes de árabes, da faixa etária de 20 a 30 anos, dadas em entrevistas e transcritas para que se possa entender o processo de integração atual e a forma dessa convivência natural entre árabes e florianenses, e como se sentem os descendentes em relação à sua história, à sua origem:

Eles são mais florianenses do que árabes. É assim que a gente os vê. Pelo menos os que eu conheço, os descendentes já estão bem diluídos. Nos mais velhos, a gente ainda percebe as características dos árabes (José Nunes, 24 anos, não descendente).

A gente percebe em grande parte dos descendentes o orgulho por serem de Florianópolis. Esses, eu os considero verdadeiramente florianenses. E outros não que sejam estrangeiros, mas que tentam manter sua cultura e tem um estilo

de vida que você logo difere porque não é comum aqui na cidade. Principalmente os mais velhos. A maioria dos descendentes mais novos tem as mesmas características dos florianenses (Maurício, 30 anos, não descendente).

Somos todos florianenses. Não dá para perceber diferenças, a não ser quando falamos sobre o assunto. Fisicamente, você pode olhar quando estamos juntos num grupo de jovens que não dá para perceber nada, para distinguir se sou descendente ou não (Lúcia Maria, 38 anos, descendente de sírios da 3ª geração).

Eu já convivi com muitos descendentes de árabes da minha geração e a gente pode distinguir dois tipos de descendentes: uns que se mostram como descendentes e fazem questão de preservar, de resgatar a memória dos árabes. Outros que vivem mais dentro de nosso padrão, que gostam das mesmas coisas que a gente, do mesmo tipo de música, até a própria comida já assimilaram bem. A própria influência deles aqui, eles procuram sempre lembrar. Alguns fazem questão de serem vistos como descendentes de árabes. Outros não, pois quando eles começaram a chegar aqui já faz muito tempo. Então, eles já nasceram e viveram num outro momento. Esses, a gente vê como florianenses mesmo. Eles não preservam muita aquela tradição da música, daquela dança árabe. A gente vê muito essa tradição resgatada até por nós mesmos. Nas escolas há esse cuidado dos florianenses de preservar a cultura árabe. Porque é até uma marca histórica de nossa cidade e diferencia até dos outros municípios piauienses (Fábio Cruz, 25 anos, não descendente).

Eu me vejo como uma descendente de sírios, antes mesmo de me ver como florianense. É sou florianense. Eu sou Thamina enfermeira, filha do Sr. Kalil, carcamano que trabalha lá no calçadão e filha da professora Tamina, aposentada árabe. Tenho orgulho de ser descendente de árabe. Porque se alguém me perguntasse onde eu nasci, eu diria o nome da cidade e poderia ser qualquer cidade, mesmo assim eu ainda seria filha de árabe e isso para mim é o principal. Quando eu digo sou filha de árabe é para distinguir que eu sou mais próxima do que outros descendentes de 2ª e 3ª geração, pois sou filha de pai e mãe árabe (Thamina Oka, 27 anos, descendente de sírios da 1ª geração).

Na maior parte do tempo não noto muita diferença; eles se apresentam e são florianenses, assim como eu. Mesmo assim posso frisar a característica que talvez seja a mais marcante do povo árabe: “um pouco de avareza” ou como chamamos por aqui “mão-de-vaca” talvez pela vocação comercial talvez pela própria característica (Lívio Fontes, 23 anos, não descendente).

É muito difícil, quiçá impossível, amar a duas pátrias. Não gostamos quando árabes falam mal de brasileiros, nem quando brasileiros falam mal de árabes. Também não somos a favor de perdemos nossa identidade síria totalmente (falo dos costumes), mas nenhum de nós anda correndo atrás de aprender qualquer coisa genuinamente árabe. Poucos são os descendentes que ainda falam o árabe ou que sabem fazer a genuína culinária árabe. Quando fui me graduar na Paraíba meus colegas tiravam piadas. Não gostava quando eles falavam mal do Piauí, ou quando o Jornal Nacional (da TV Globo) mostrava aquelas cenas que não retratam a realidade, como açudes secos e mandacarus, no lugar das belezas do rio Parnaíba ou do delta ou os poços jorrantes de Cristino Castro ou os sítios arqueológicos de São

Raimundo Nonato. Do mesmo modo, não gosto quando mostram na TV apenas guerras. O povo árabe é mais do que isso. Por que não mostram os pontos turísticos? Acho que deu para o senhor notar que sou florianense orgulhoso, mas não nego o meu sangue árabe em absoluto. Simplesmente sou feliz de ter tido na minha educação influências culturais tão boas e ricas como a piauiense e a árabe (Salomão Oka, 26 anos, descendente de sírios da 2ª geração).

Nota-se que a integração não eliminou o desejo dos descendentes de preservar traços culturais e históricos dos seus antecessores, até porque ainda há árabes que vivem na cidade de Florianópolis, prestando serviços em diferentes áreas produtivas ou outras ocupações. Percebe-se também, nos descendentes, que mesmo amando o Brasil, eles têm certo orgulho de serem descendentes de árabes.

2.3 - De mascates a empresários

A principal atividade econômica dos árabes em Florianópolis se deu no setor comercial, dada a sua inata inclinação para os negócios, uma herança legada pelos seus ancestrais fenícios, que foram os maiores mercadores do mundo antigo. Os árabes obviamente já vieram a Florianópolis com a finalidade de explorar este ramo.

A economia florianense, desde o período em que os sírios nela se incluíram, passou a sofrer mudanças visíveis de progresso, notadamente do final do século XIX e nas primeiras décadas do século XX. Assim sendo, Florianópolis representou um dos pólos centrais de onde se irradiou todo o eixo de penetração comercial. Através dos mascates, tornou-se possível o fluxo de mercadorias entre as centrais abastecedoras e os demais pontos do Estado, que consistia no intercâmbio de imigrante varejista e imigrante mascate, ou seja, os recém-chegados, na venda e troca e no leva e traz de mercadorias.

Essa crescente movimentação comercial, da qual os sírios faziam parte ativa, está bem marcado na determinação daqueles imigrantes a comerciar, como no caso de Antun

Zarur¹³, que tão logo chegou a Floriano começou a desempenhar a função e em pouco tempo apresentava resultados satisfatórios. Como consequência, mandou buscar a família na Síria, composta por sua esposa Nacime Chaib, o filho Habib¹⁴, o genro Assad Kalume e a filha Wathfa ou Maria, no português. Para desenvolver melhor o empreendimento, pai, filho e genro formaram uma sociedade comercial, a Antonio Zarur, Filho & Cia., ligada ao ramo de tecidos, armarinho, e mais tarde, também inovou com a parte de bar e padaria. A firma era localizada num prédio amplo e de excelente construção que foi adquirido por compra pelo primeiro árabe a chegar à cidade. E em 1910 já estava tão bem estruturada ao ponto de figurar entre as grandes casas de comércio do Estado, como destacado no Álbum Artístico Comercial do Estado do Piauí de autoria do fotógrafo R. R. Folgueiras (Ilustração n° 01).

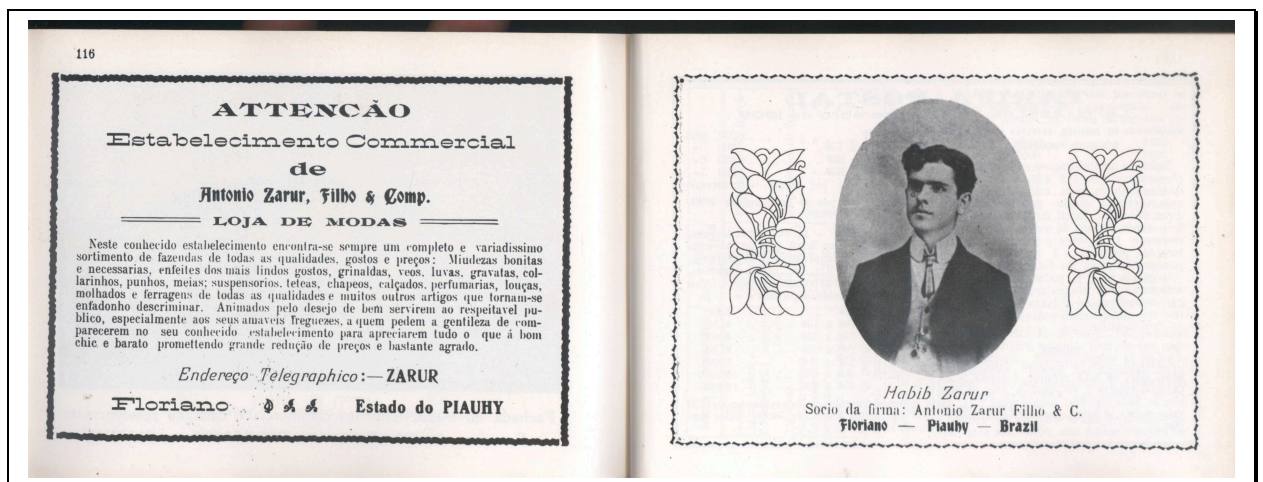


Ilustração n° 01

Mas não foi assim no início e também não foi tão rápido esse progresso. Longe da terra, da família e com muitas dificuldades, comuns a todo imigrante, os que chegavam a Floriano tratavam de arranjar um lugar para se abrigar e que fosse favorável para pôr em prática o seu intento. Geralmente, alugavam um quarto barato que lhes servia também de

¹³ Tendo amealhado uma razoável fortuna, regressou à terra natal no ano de 1914, levando consigo toda a família, com exceção da filha Maria e do genro Assad Kalume.

¹⁴ Em começo de 1921, retorna ao Brasil na companhia de Calisto Lobo, que estava na Síria em visita a familiares. Aqui chegando, dissolveu a sociedade com o cunhado, liquida a loja e aluga o ponto para a firma Mazuad-Lobo & Cia. Regressou em seguida, à Síria onde morreu assassinado, no levante de 1925.

dormitório e nele abriam a sua loja. Quando, em 1904, foi inaugurado o majestoso Mercado Municipal – orgulho da administração Doca Borges¹⁵ - muitos deles localizaram o seu comércio de modo satisfatório em suas dependências.

A partir daí, procuraram adquirir as mercadorias necessárias para movimentar os seus negócios nas firmas comerciais do meio, que se dispusessem a oferecer-lhes – e poucos o fizeram - por um preço menor e assim vender melhor suas mercadorias. Cabe destaque a do comerciante Antonio Pereira Neto, figura das mais respeitáveis, que mesmo podendo cair no desagrado dos seus patrícios comerciantes, ajudou os sírios vendendo os produtos como eles queriam. Esse fato foi referido por João Lobo em seu depoimento:

Tinha uma família aqui, poderosíssima. A família Leão. O velho Leônidas Leão, seus irmãos, Chico Leão e Bento Leão, eram verdadeiros donos de Floriano, Amarante e de toda essa região. Naquele tempo, o comércio era abastecido por caixeiros viajantes que chegavam aqui com as mercadorias essenciais de grande procura como o “cáqui” floriano, a “mescla” jangadeiro, aqueles riscados, e eles não deixavam que vendessem para os pequenos comerciantes, para os sírios, para os carcamanos. Eles não permitiam. Se os viajantes os vendessem denunciavam para a matriz e como eles eram grandes comerciantes, a matrícula era cortada. Eu lembro de um incidente; uma vez chegou um viajante aqui que era um rapaz muito cordato, muito camaradeiro e entrou na lojinha do meu pai e disse: “Calixto, eu queria lhe vender uma fatura de brim, uma de caqui floriano e uma de mescla jangadeiro. Mas, se eu lhe vender sem o velho Leônidas mandar, autorizar, avalizar, eles vão me dar uma repreensão. E eu queria lhe pedir: vá falar com Leônidas pra ver se ele autoriza. Papai dizia que a miséria tem cara de herege. Ele botou a vaidade, o orgulho de lado e foi pedir a autorização. O velho olhou pra ele e disse: autorizar, avaliar você? A loja que você trabalha é sua? Meu pai disse: é alugada. E a casa que você mora é sua? Não, eu não tenho casa; eu moro na casa de outro companheiro. E como você quer que eu lhe avalize se você não tem nem casa? Aí, papai agradeceu e saiu pensando: “vou construir trinta casas para todo dia receber o aluguel de uma”.

Além do comerciante Antonio Neto, outra firma que também abriu, sem restrições, as portas de sua casa comercial para qualquer árabe foi a do cidadão Diocleciano Ribeiro, que não só considerou cruel o fato de se tentar excluir os árabes dos negócios, como também “advertiu todos os viajantes comerciais que faziam a praça de Floriano, para que se

¹⁵ Prefeito Municipal de Floriano na época (1904).

abstivessem de fazer o jogo sujo a que estavam sendo pressionados e efetuassem vendas aos árabes sob pena de ele com a sua autoridade de correspondente do Banco do Brasil, boicotar as firmas que representavam” (DEMES, s/d). A ameaça surtiu efeito. Os carcamanos passaram a ter acesso às mercadorias e com habilidade e muito trabalho, começaram e foram aos poucos ganhando confiança, progredindo nos seus afazeres e se destacando no comércio local.

Essa habilidade, aqui significando também esperteza dos carcamanos, é lembrada pelo sr. Abílio Neiva (90 anos):

Eles davam um preço muito alto para as mercadorias e depois iam baixando, baixando, até o comprador se decidir a comprar. Se o freguês topasse comprar logo com o preço alto, eles vendiam. Eles eram muito sabidos, muito espertos. Mas na época, aqui já tinham grandes comerciantes. Antes, eles eram quem dominavam o comércio. Só depois foi que os árabes foram crescendo e ficando ricos. Tinha deles, aqui, muitos ricos mesmo. Que tinham muitos prédios, muitas casas e as lojas eram as melhores possíveis.

Em pouco tempo, os árabes dominavam praticamente o comércio no qual injetaram uma forte dose de calor humano com a introdução de técnicas até então não praticadas pelos comerciantes da terra, aferrados obstinadamente nos velhos métodos de comercialização em que imperava, ainda, a inflexibilidade de preços, as vendas em sua maioria exclusivamente a dinheiro. Ou quando não, com margens de lucro excessivamente altas.

A habilidade herdada dos maiores mercadores do mundo – os fenícios – e a dedicação ao trabalho em virtude da necessidade urgente de ganhar dinheiro destacava os sírios, se comparados aos comerciantes locais. Destoando destas práticas, os árabes popularizaram as vendas a prestação, a flexibilidade dos preços, onde mais valia o poder de barganha, o dilatado prazo nas vendas a crédito e, sobretudo, o atendimento pessoal por parte do proprietário, qualquer que fosse a situação social do freguês, que, aliás, sentia-se particularmente lisonjeado com tal deferência.



Ilustração n.º 02

A modalidade de venda a prazo em Floriano foi introduzida pelos árabes que vendiam “fiado”, com prazo para pagamento até de um ano, o que era possível porque eles tinham o capital de giro. Essa modalidade atraiu compradores, geralmente pessoas que honravam a palavra, como era comum naquele tempo. Além disso, evitavam gastos para não comprometer as finanças. O que eles recebiam em um ano, investiam e vendiam novamente para receber no ano seguinte. A habilidade na arte de negociar e a confiança depositada nos compradores brasileiros foram, segundo Salomão Oka (26 anos, descendente de sírios, 2ª geração), fatores determinantes para o sucesso comercial dos imigrantes:

Eram bons de mímica também... e aí era como a gente tinha dito anteriormente, a forma de negociar era muito superior. Inclusive o fato de o árabe ter confiança no brasileiro ajudou bastante. E obviamente os brasileiros que compravam adoraram o novo modo de negociar, todavia os brasileiros que eram comerciantes, certamente não devem ter gostado de ter sua freguesia “roubada” pelos estrangeiros, pelos gringos, pelos carcamanos, que, aliás, era o termo preferido por eles para apelidar os árabes. Era o carcamano do meio do calçadão, era o carcamano da casa cor-de-rosa, o carcamano da esquina branca, o carcamano das janelas azuis.

Além dessa habilidade, havia também muita determinação, dedicação ao trabalho e uma cota de sacrifícios como relata João Lobo (78 anos):

Eles viviam uma vida de sacrifícios. Viviam em casinhas pequenas, modestas e os gastos se reduziam ao essencial. Eles reinvestiam tudo, podendo assim vender fiado. Após ter se consolidado e adquirido confiança na praça de Floriano, eles passaram a investir na sua comodidade.

Opinião diferente tem o jovem descendente de sírio, Salomão Oka, pois segundo ele, os árabes que para cá vieram, não eram tão pobres como acreditam alguns:

Bom, o que a gente pode dizer é o seguinte: Primeiro, os árabes que foram chegando em Floriano foram recebidos por amigos ou parentes. Existe muita controvérsia a respeito disso. Alguns dos antigos dizem que eles vieram pobres, que eles eram agricultores... Por outro lado, existem alguns dos antigos que dizem que não, que eles vieram ricos, com dinheiro, jóias, ouro ou mercadorias. Por exemplo, a gente tem notícia de que alguns árabes chegaram a Floriano com voltas e voltas de cordões de ouro, com arcas cheias de ouro, inclusive algumas das senhoras árabes exibiam verdadeiros véus feitos com moedas de ouro cunhadas em árabe, dobrões e patacas. Então, eu acredito que o que deve ter acontecido foi o seguinte: eles devem ter vendido as propriedades na Síria para poder juntar o dinheiro da passagem e vir para o Brasil – até porque toda cidadezinha tem seu nobre e seu pobre – então, lá não devia ser diferente não. Os que podiam vender venderam e compraram suas passagens pro Brasil e quando chegaram aqui conseguiram construir algum patrimônio. A grande maioria construiu. Obviamente recebendo ajuda dos que já estavam aqui. Ou com emprego, para trabalhar inicialmente em suas lojas até que pudessem abrir suas próprias lojas ou então de modo a procurar logo um negócio próprio. Especificando melhor: quando os árabes chegavam a Floriano, se hospedavam na casa de parentes e logo já estavam querendo aprender o Português, para poder vender.

Obviamente, enquanto João Lobo se refere aos sírios pioneiros que chegaram a Floriano em outro momento histórico, pobres e enfrentando muitas dificuldades, Salomão Oka engloba no rol dos imigrantes, os que vieram em condições mais favoráveis, orientados e recepcionados por parentes ou patrícios já bem estabelecidos.

Nunes (1993, p.35) assim ressalta a disposição para o trabalho e a habilidade dos “carcamanos” como comerciantes:

Acordavam às cinco horas da manhã e se punham à porta de suas casas comerciais. À passagem de um possível comprador na calçada, a porta principal era aberta e eles pegavam no braço do transeunte e diziam: “Vem, vem gumbadre, ver tecido trouxe Sira pra vender. Lindo! Lindo! E pegando na pontinha do dedo falavam: breço deste tamanino. Se gumbadre não tem dinheiro, eu vende viado bra freguês.”

Estimulados pela pobreza e pela ambição, trabalharam duramente e viveram frugalmente, empregando seus ganhos na expansão de seus negócios, nos quais madrugavam na ânsia de consolidá-los satisfatoriamente. E assim, ou conquanto fosse evidente era a preferência do árabe pelo ramo de tecidos e armarinho, uma tradição de sua raça. No início, não se permitiam ao lazer e sim trabalhar, progredir, até atingir alguma coisa concreta, como pontuou Rosa Mazuad (66 anos) em seu depoimento.

O comércio árabe concentrou-se entre a praça dr. Sebastião Martins (da igreja matriz) e o Mercado Central da praça Coronel Borges, com predominância nas ruas Álvaro Mendes¹⁶ e São Pedro¹⁷, pelas quais passavam, uns após outros, todos os comerciantes árabes que se estabeleceram em Floriano, quer diretamente da terra natal, quer oriundos de outras cidades brasileiras, atraídos pela crescente expansão da cidade, graças, em grande parte, ao seu desenvolvido comércio.

A escolha do local para a instalação das lojas apresenta o espírito empreendedor desses comerciantes. Após Antônio Zarur, um dos primeiros a chegar e abrir casa comercial foi José Demes¹⁸, vindo já da região do Brejo dos Anapurus no Maranhão, onde conseguiu algum dinheiro e resolveu juntar-se aos patrícios de Floriano. Instalou seu comércio, e em 1937 já tinha uma promissora firma em sociedade com o filho Michel Demes. Outro foi Adala Atem,¹⁹ no ano de 1909. Logo após a sua chegada a Floriano, como Zarur, escolheu a

¹⁶ Atual av. Getúlio Vargas

¹⁷ Na rua São Pedro, ou rua do Calçadão, ficava o maior número de casas comerciais de propriedade dos árabes. Ainda hoje, há uma grande concentração de lojas, inclusive, remanescentes de árabes que funcionam no mesmo local, desde a década de 1950. Pela concentração de comércio, na rua também pode ser percebido a predominância de prédios com arquitetura ligada mais ao árabe.

¹⁸ Chegou ao Brasil com 17 anos. Retorna à Síria em 1913 e casa-se no ano seguinte. Anos depois retorna ao Brasil. Com ele a família, dentre eles o irmão Salomão.

¹⁹ Dedicado ao trabalho e ainda jovem, era comum a saudade da terra natal, sentimento que o fez partir no ano de 1919, em companhia de Calisto Lobo. Em 1923, retorna à Floriano, já casado com a jovem Adélia. Estabeleceu comércio no mesmo prédio anteriormente ocupado por ele, pertencente a José Lavrador. Em 1929 mudou-se para prédio próprio.

rua Álvaro Mendes, em prédio que fica na esquina do que é hoje o Centro Tributário, adquirido por compra, posteriormente, pelo lojista.



Ilustração n°. 03

As firmas que se estabeleceram em número cada vez maior ao longo destas artérias pontilharam-nas de um extenso colorido oriental. Típicas lojas árabes, com grande variedade de mercadorias expostas e seus hábeis proprietários à espera dos fregueses, enfileiravam-se umas às outras, chamando a atenção até do menos atento transeunte. Apesar de certa desarrumação e variedade de mercadorias, os carcamanos primavam pela qualidade dos produtos, muitos deles sendo importados de outros países, como relata Luis Paulo (60 anos, não descendente):

Eu conheci a casa Assad Kalume, uma casa que vendia artigos importados. Lembro-me quando criança, a minha mãe comprando as mantilhas para usar na igreja, que eram de rendas francesas. Os perfumes, as louças, as baixelas que a casa Assad Kalume vendia era tudo importado. Eles faziam questão de ter os melhores produtos. As grandes lojas árabes daqui vendiam os melhores produtos, como casimira importada, linho escocês, linho Hernandez, chapéus fabricados no Rio de Janeiro, meias fabricadas em São Paulo. Então, eles se destacaram com um comércio muito sólido e de muita qualidade, de muita pujaça. Eram lojas enormes onde toda a sociedade florianense se abastecia. Uns vendiam material de estiva; vendiam a grosso como o Salomão Mazuad que vendia café, açúcar, sal, ferragens. Outros vendiam artigos finos, como vestiários, artigos de beleza, artigos domésticos. Mas tudo era de alta qualidade, porque eles primavam por isso. As lojas não eram bem arrumadas, mas tinham de tudo.

A Casa Said de Assad Kalume²⁰, acima referida, foi fundada em 1921, na rua São Pedro com a rua Fernando Marques, onde permaneceu até a década de 1970, quando encerrou suas atividades. Além dos artigos de boa qualidade que atraíam compradores, o espaço físico era atrativo por sua adequação e amplitude e pela exposição das mercadorias de sedas, linhos, casimiras, perfumes, calçados, jóias, objetos de arte, material escolar, artigos religiosos - inclusive imagens de santos – porcelanas e muitos outros, na maioria de procedência estrangeira.

A notícia do sucesso dos árabes habitantes em Floriano se espalhou pela região e muitos patrícios chegavam vindos diretamente do Oriente, ou de outras partes do Brasil onde não haviam tido a mesma sorte. Por exemplo, o caso dos sírios Salomão Mazuad e Calisto Lobo, que primeiramente tentaram a sorte em São Luis do Maranhão e estimulados por patrícios se dirigiram para Floriano, onde se estabeleceram como pequenos lojistas, progrediram e se tornaram grandes comerciantes com a constituição da firma Mazuad Lobo & Cia em 1923, a qual projetou-se como uma das mais importantes e prósperas empresas do Piauí, seja pelo grande volume de negócios, pela patente solidez e pela abrangência do seu raio de ação que, além do Piauí, atingia o Maranhão, norte do Goiás, até o estado de Mato Grosso. Como afirma João Lobo, o sucesso não impediu a dissolução da firma, o que aconteceu, harmonicamente, em 1936.

Desfeita a sociedade, Calisto Lobo estabeleceu a nova firma Calixto Lobo & Cia, provisoriamente num dos salões de sua residência situada à Rua São Pedro, permanecendo no mesmo ramo de negócio, até vir a ocupar, em 1938, o magnífico edifício que recebeu seu nome, localizado na avenida Getúlio Vargas (ilustração 04). A nova firma já surgiu grande, inovando com instalações modernas e diversificada variedade de mercadorias, primando pela boa qualidade dos produtos e com um atendimento peculiar ao cliente.

²⁰ Em 1950, acolheu seus filhos Abrão, Elias e Leônidas a frente dos negócios com a firma Casa Assad Kalume.



Ilustração n°. 04

Fato semelhante aconteceu com os libaneses João Vicente e Nicolau Waquim, como relata a entrevistada Maria Demes (75 anos, descendente, 1ª geração):

Foi o que aconteceu com o libanês João Vicente que chegou a Floriano em 1931, originário de Balsas, cidade do Maranhão, acompanhado de sua numerosa família, juntamente com Nicolau Waquim, que tinha por experiência no ramo de calçados. Auxiliado por seus filhos José e Miguel, Nicolau Waquim abriu uma sapataria na Praça do Mercado, hoje Coronel Borges, que levou a bom termo em pouco tempo, fixando-se preferentemente no setor de curtume de couros do qual foi ele o pioneiro nesta cidade.

A diversificação nas atividades empreendidas pelos árabes, aquelas que de fato arrastariam para fora do seu tradicional campo de negócios, só se operaria anos mais tarde quando já estando o comércio saturado de firmas que negociavam com tecidos e miudezas, alguns deles foram forçados pelas crescentes dificuldades a derivarem para outras atividades, na premissa de colherem melhores resultados a partir do que se tornou comum a presença deles em ramos diferentes.

Como relata o professor Abílio Neiva (90 anos):

Os carcamanos – tinham deles que não gostavam de ser chamados assim não - eram muito espertos pra fazer negócios, para vender mercadorias. Mas alguns deles decidiram fazer outras coisas, outros ramos de negócios e também se deram bem com hotéis, cinema e até curtume de couro. Eles sabiam como se virar; sabiam negociar em qualquer ramo. Qualquer serviço.

Sendo assim, em fins da década de 1930 e início de 1940, o comerciante Gabriel Zarur, cansado de tocar sem êxito a sua pequena loja em meio a tantos concorrentes, estimulado por parentes e patrícios, parte para o ramo hoteleiro no qual foi muito bem sucedido, deixando desta experiência, o tradicional Hotel Brasil, um dos melhores e mais confortáveis da cidade na época. Tempos depois, seguindo-lhe o exemplo, Jacó Demes abre as portas do simpático Hotel Central de privilegiada localização à rua São Pedro.

Mas foi a partir da década de 1950 que teve início uma nova era nas atividades comerciais dos árabes, quando Calisto Lobo, através de seu filho, o engenheiro João Lobo, ingressava na área de indústria de grande porte com a implantação, em Barão de Grajaú, de uma usina de beneficiamento de algodão e de extração de óleo vegetal a partir do processamento das amêndoas do coco babaçu.

Segundo João Lobo (78 anos), posteriormente outros estabelecimentos lucrativos foram criados pelos árabes²¹, tais como, cinema, bar e sorveteria todos instalados em prédios próprios e próximos aos outros comércios. Realmente, a cidade de Florianópolis se modernizava e a ela chegavam muitas das novidades já adotadas em outras cidades de maior porte. O que se nota visivelmente neste aspecto é a supremacia do povo imigrante na diversificação dos empreendimentos. Mas, além dos árabes, outros destacados comerciantes florianenses também contribuíram efetivamente para o desenvolvimento da cidade. Porém, foi do encontro com essa gente de hábitos, costumes e práticas comerciais tão distintas que resultou o vigoroso entreposto comercial do Nordeste, com estabelecimentos comerciais variados e de grande porte que incrementaram a economia e o desenvolvimento de Florianópolis.

²¹ Adala Atem e Kamel Haddad (Camilo Ferreira) foram empreendedores nesse ramo.

2.4 – Quibe, rapadura, esfiha, beiju e cajuína: o sabor de Florianópolis

A culinária é um dos elementos marcantes no processo de inserção dos sírios em terras piauienses, posto que, pela necessidade, eles tiveram que alterar seus hábitos alimentares, adotando o gosto e a preferência do meio receptor. Na cultura árabe a alimentação é priorizada. Em razão disso, constitui-se naturalmente, num fator relevante onde cada refeição equivale a um banquete de mesa farta. No princípio, eles foram circunstancialmente obrigados a assimilar imediatamente os hábitos alimentares do meio, substituindo uma culinária aromática baseada em vegetais, trigo, lentilha, carnes e derivados de leite, valorizados pela força das especiarias, do azeite e do mel, pelo típico cardápio nordestino, cuja base era a carne seca, o cuscuz de milho, o feijão, a farinha de mandioca, a rapadura de cana de açúcar e o peixe do rio Parnaíba.

A construção de uma padaria por Antun Zarur diminuiu a distância entre as diferentes e continentais culturas, possibilitando também aos piauienses degustar tipos alimentares trazidos do oriente. O saboroso pão de trigo, hoje um dos mais importantes itens da culinária brasileira, na época foi uma grande novidade para os florianenses que aprovaram o sabor e adotaram na sua alimentação. João Lobo (78 anos) destaca que,

O piauiense não conhecia o pão. A cultura piauiense era do “casco de boi”. Era a carne, o cuscuz e a rapadura. Essa era a alimentação básica. Quem trouxe essa variedade de alimentos como o pão, a alface, e as outras verduras foram os sírios, pois já conheciam lá, no Velho Mundo.

Melhor adaptado às novas opções alimentares, exceção feita à carne de carneiro, e outras raras exceções, que não foram suprimidas²², os árabes, segundo Iracema Atem, passaram a importar alguns produtos de outros estados brasileiros ou adquirirem, através de

²² O Estado do Piauí é área criatória característica de carneiros e cabras.

patrícios já estabelecidos em outras cidades, sementes de alface, couve, rabanete, beringela, fassule (vagem) dentre outras hortaliças para cultivá-las em hortas caseiras. Aos poucos o hábito de cultivar essas hortaliças foi se disseminando naturalmente na comunidade florianense, à medida que estes alimentos foram sendo introduzidos na culinária local. Antes, porém, os árabes eram chamados de “lagartas” por algumas pessoas, porque gostavam e consumiam folhas nas principais refeições, hábito este, até então, muito estranho para os piauienses.

Lentamente, os árabes foram assimilando hábitos alimentares locais ao tempo em que introduziam o “sabor do oriente” na mesa dos florianenses, num processo contínuo envolvendo mistura de ingredientes, técnicas e sabores, levando à formação de novos hábitos, de um novo cardápio. Roza Mazuad (66 anos), percebe essa mistura de sabores e de pratos variados que vem desde os pioneiros:

Os imigrantes sírios incorporaram os hábitos alimentares locais, o mesmo ocorreu com a população de Florianópolis, pois o que se vê é todo mundo comendo a comida árabe principalmente o quibe, a esfirra, o tabule, o grão de bico e os árabes comendo a comida piauiense.

Essas iguarias são comercializadas normalmente em lanchonetes e padarias da cidade, sem que a maioria dos consumidores atente para sua origem, como relata o florianense Antonio Neto (52 anos), quando questionado ao saborear uma delas:

Sempre comi esfirra na hora do lanche. De onde veio eu não sei. Só sei que é muito gostosa e como desde menino. Compro sempre nas lanchonetes porque a “muié” lá em casa faz, mas não presta. Essa aqui é muito boa. Já o tal de quibe, eu não gosto muito não. Tem um gosto muito forte. Mas tem gente que gosta e come.

Mesmo nas novas gerações, principalmente nos jovens de outras cidades, a culinária árabe ainda desperta curiosidade e interesse, como mostra a jovem Thamina Oka Lôbo (27 anos):

Eu me incluo como florianense porque nem todas as pessoas me conhecem como descendente de árabe, quando descobrem que sou, de imediato já me perguntam: “Thamina, tu sabes fazer prato tal?”. Então eles apreciam a culinária árabe porque acham que é uma comida diferente e de sabor exótico e que certamente é apreciado por muitos florianenses, sejam eles descendentes de árabes ou não.

Parte da culinária árabe já está tão inserida na vida dos florianenses que é comum ser servida em festas e recepções promovidas tanto pelas pessoas mais abastadas, como pelas mais humildes. São comuns também os jantares com delícias árabes em reuniões sociais, como também é comum a presença de comidas tipicamente nordestinas nas refeições de árabes e descendentes, como o arroz, o feijão, o bolo de tapioca e a farinha.

Essa fusão da milenar cultura árabe e da cultura florianense se evidencia, como pode ser observado no relato de dona Maria das Graças, florianense, doméstica, 67 anos:

Eu até me esqueço que esse povo veio de outro lugar, do estrangeiro, e que essas coisas que a gente faz na cozinha não são daqui de Florianópolis. Eu faço desde mocinha. Sei fazer o quibe, a esfirra, o tabule e meus “patrões” sempre gostaram. Mas eu sei que eles vieram de longe; de onde eu não sei. Os mais velhos vieram do estrangeiro, mas o lugar, a cidade eu não sei. Tinha uns que falavam com uma língua embolada que a gente nem entendia direito. Eu tenho uma amiga que trabalhava na casa de um desse povo aí. Foi ela quem me ensinou a fazer essas coisas; o tabule, eu aprendi a fazer com ela. E ela dizia que gostava muito deles e que eles eram gente muito boa, mesmo. Que tratavam ela bem. É o que a gente mais quer do patrão, né? Eu conheci esse povo foi quando eu ia lá na casa visitar ela. Mas eu não lembro o nome deles porque isso já faz mais de 30 anos.

A naturalidade com que é apresentado o cardápio alimentar onde aparece visivelmente, a mistura da culinária brasileira e árabe se deve em parte, segundo Iracema Atem, o hábito que os descendentes têm de receberem familiares e amigos em suas residências, num momento a que se reveste de um caráter especial, de forma acolhedora, farta, amável, delicada, o que é peculiar dos carcamanos ao receberem visitantes. Em algumas dessas ocasiões, ainda se tem o privilégio de ouvir a boa música oriental e assistir a apresentações da típica dança árabe com destaque para a *dança do ventre*²³ (Ilustrações 05 e

²³ A dança do ventre tem sua origem no antigo Egito, antes praticada por sacerdotisas que recebiam uma educação espiritual e corporal específica desde menina. Com o tempo, a dança deixou de ficar restrita aos templos e passou a ser apresentada em ocasiões solenes nos palácios, tornando-se uma

06), que é a dança preferida para apresentações em escolas, academias de dança e em eventos de natureza variada. Acrescenta Iracema (80 anos):

A familiaridade com o estilo é tão comum que quando da apresentação da novela *O Clone*, apresentada pela Rede Globo de Televisão, que usavam tanto a comida como a música e a dança, não causou sensação de novidade para nós florianenses. Para nós, era motivo de orgulho, de contentamento, nossa cultura está sendo mostrada. Mas não era nenhuma novidade.



Ilustração 05



Ilustração 06

No convívio familiar e no relacionamento entre os patrícios, percebe-se o desejo de alguns em preservar a cultura árabe. Entretanto, como ressalta Salomão Oka (26 anos), a dificuldade maior de se manter viva essa cultura, reside no avançado processo de aculturação dos sírios em Florianópolis:

o processo de ocidentalização já está adiantado demais. Aquelas famílias que vieram primeiro são as mais ocidentalizadas. Muitas não conservam nem a capacidade de pronunciar o próprio sobrenome. Outros sabem falar apenas algumas palavras de conveniência, como dinheiro, café, além dos palavrões, é claro. Entre os homens isso chega a ser unanimidade. Muitos sabem mais coisas, mas esses estão no Brasil há menos tempo, portanto é só uma questão de tempo. Infelizmente, precisamos de iniciativas para não deixar que essa cultura morra. Na família e entre os descendentes, às vezes discutimos essa questão. Acho que essa é a maior intenção do meu livro²⁴: salvar pelo menos algumas histórias.

dança popular. Com a invasão árabe, as culturas se fundiram e o árabe, com sua tradição de viajante, de mercador, levou a dança para o resto do mundo.

²⁴ O referido entrevistado é autor do livro “Esfiha com Cajuína: Episódios do Folclore Árabe-Florianense” (no prelo)

Mesmo diante do avançado processo de ocidentalização sofrido pelos imigrantes, se há um dos elementos que ainda preserva fortes características da cultura árabe em Floriano é a culinária. Isto pode ser observado quando se participa de um jantar em uma residência de sírios, pois além do cardápio, há toda uma atmosfera que remete a um lugar distante: a um encontro com o outro.

2.5. O ecletismo arquitetônico de Floriano

A maioria dos prédios existentes no centro de Floriano foi edificada por árabes. Muitos deles ainda são preservados na forma original, onde se percebe detalhes da arquitetura árabe como os arcos plenos com cunha, as paredes dobradas, os vãos. Essas construções datam do início do século XX, quando a arquitetura de Floriano apresentava-se de forma bastante rudimentar, com as construções feitas à base de adobe²⁵ e grande parte dos prédios cobertos de palha. Com a chegada dos árabes, a paisagem foi, aos poucos se modificando, com construções de alvenaria e detalhes da arquitetura árabe.

À medida que iam se firmando como comerciantes de sucesso e se distanciando do inicialmente sonhado retorno à terra natal, os sírios começaram a construir os sobrados que hoje formam um conjunto arquitetônico que se distingue das demais cidades piauienses. O primeiro deles, construído em 1929 com elementos típicos da arquitetura árabe (ilustração nº 07), de propriedade do sírio Adala Atem e que teve como autor do projeto o mestre-de-obras brasileiro, Zé Manduca (LOPES, 1997, p, 150).

²⁵ As construções de adobe eram feitas com adobe cru.



Ilustração n° 07

O segundo sobrado²⁶ construído em Florianópolis, data de 1933. De propriedade do Sr. Salomão Mazuad. (Ilustração n° 08)²⁷ sobrado contém muitas características da arquitetura árabe e se destaca entre as várias construções da rua São Pedro. É também um testemunho da consolidação do sucesso dos grandes comerciantes sírios em Florianópolis. A idéia de Salomão Mazuad somada ao desenho do brasileiro José Dutra e a execução do também brasileiro, mestre-de-obras José Manduca, resultou numa obra que, segundo Fernandes, é:

uma construção exemplar, onde o equilíbrio das partes e dos detalhes é perfeito. Uma construção eclética com combinação de diferentes elementos. Sem dúvida é uma das mais belas obras arquitetônicas de Florianópolis (FERNANDES, 1991, p. 96)

²⁶ Em 1937, abrigou o Banco do Brasil e, posteriormente, a tradicional loja de miudezas Casa do Michel de Michel Demes .

²⁷ Sobrado erguido para sua esposa Isabel, quando esta veio do Líbano para o Brasil. Nele já funcionou a agência do Banco do Brasil e a tradicional loja de miudezas “Casa Michel Demes”

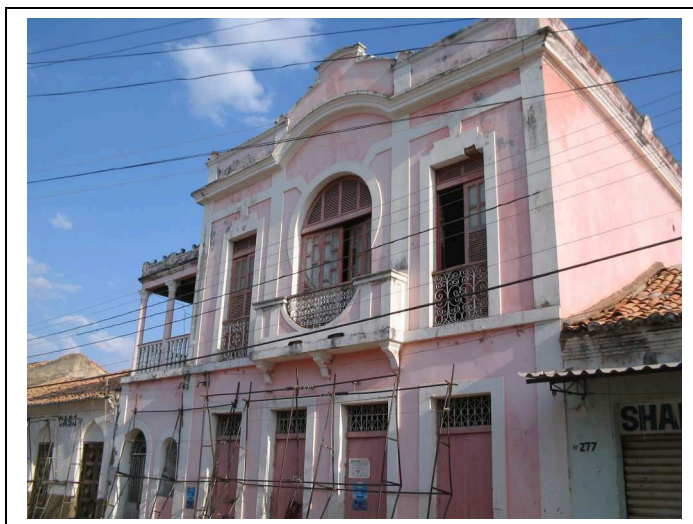


Ilustração n° 08

Entre 1934 e 1935, outro grande sobrado foi construído, ainda pelo mestre-de-obras José Manduca, à mesma praça, de propriedade do também sírio José Demes, que chegou a Floriano em 1907 e se estabeleceu como um dos mais proeminentes comerciantes da região. Primeiro prédio construído com vigas de concreto, além de causar um grande impacto visual no cenário urbanístico da cidade, pela imponência das linhas arquitetônicas resultantes da mistura da arquitetura árabe e brasileira, o majestoso sobrado se transformou em palco de suntuosas festas e de seletas reuniões sociais na época.

Geralmente essas construções tinham uma dupla função, sediar o comércio e servir de moradia. Por essa razão os prédios eram grandes, espaçosos e com diversos compartimentos. Era de costume, na parte da frente, funcionar o comércio e, nos fundos, servir de abrigo para a família. Nas edificações assobradadas, a loja era instalada no térreo e a parte de cima era destinada à família. Essa dupla função dos prédios e sobrados permitia acesso fácil ao trabalho e também possibilitava a participação da mulher árabe nos negócios da família. A mulher árabe, fugindo do que era comum na época, além de cuidar dos filhos e da casa, ajudava a vender na loja do marido.

Segundo o engenheiro civil e descendente de árabes, João Lobo, os sírios trouxeram a noção de como eram construídas as casas e os edifícios em Damasco, pois,

Damasco, além de ser uma das cidades mais belas do mundo, já possuía água encanada, ruas pavimentadas e aquedutos. Uma cidade desenvolvida, uma cidade de padrão romano. E os sírios que vieram de lá, trouxeram essa idéia da construção civil com a base de alvenaria, de prédios assobradados e aplicaram aqui. E estas construções estão inteiramente relacionadas com o comércio através do que os imigrantes se estabeleceram e prosperaram.

A maioria dos prédios existentes, ainda é preservada na forma original, onde são encontrados os detalhes da arquitetura árabe como os arcos plenos com cunha, as paredes dobradas, os relevos abundantes e simétricos, as varandas encurtadas e os pesados e sóbrios gradeados em metal e os vãos são evidentes, como é descrito por Luis Paulo, quando na sua entrevista. É perceptível também o gosto dos árabes por grandes portas de duas folhas com os tradicionais arabescos na parte superior.

Nunes (1991, p.42), afirma em seu livro *Aspectos da Arquitetura em Floriano*, que nas décadas de 1920 e 1930 se firma o gosto dos árabes pelas arcadas internas. Neste período, eles ergueram seus belos exemplares arquitetônicos nos arredores da Matriz de São Pedro de Alcântara - principalmente na rua São Pedro. Nunes destaca ainda a importância da integração dos sírios para a evolução urbanística e arquitetônica de Floriano e a assimilação de elementos da arquitetura árabe por piauienses.

Em Floriano, a arquitetura árabe se misturou ao gosto dos donos ou dos mestres-de-obras locais, resultando num ecletismo arquitetônico incomum na região. O surgimento dos sobrados alterou o padrão das construções piauienses, antes horizontais, esparramadas como mostra Barreto (1938, p. 195):

[...] Em geral as casas são de um só pavimento; é raro encontrar-se de dois ou três. A arquitetura é de pouca expressão popular. [...] A planta geralmente é em forma de L, algumas vezes em U. A moradia-inteira esparramada é a casa do Piauí: A morada-inteira no Piauí é horizontal.

Associada a outros estilos, principalmente os da arquitetura árabe, a arquitetura local resultou numa beleza diferente, que transformou a paisagem da cidade tornando-a distinta das demais cidades piauienses.

Segundo Nunes (*idem, ibidem*), nos anos de 1920 e 1930, o ecletismo arquitetônico deu início ao esplendor da arquitetura em Floriano. É nesse período, de acordo com o autor, que se dão as inovações construtivas e decorativas e que surgem os sobrados.

É, portanto, um período complexo. Agora o uso da telha francesa aparece na cidade, mas é grande o uso da telha colonial. Nesta década se afirma o gosto dos árabes pelas arcadas internas. Os árabes neste período erguem seus mais belos exemplares arquitetônicos e geralmente usavam na parte interna do prédio uma série de arcos plenos – a arcada, como nos palácios e mesquita árabes (NUNES, 1991, p. 83).

Alguns prédios têm a porta principal ladeada por sacadas em madeira, com vidraças e venezianas. As portas quase sempre são emolduradas por massa que dão melhor acabamento e um visual mais bonito. As escadas são de madeira bem espessa, localizadas frente à porta de entrada. O piso também de madeira completa o rigor arquitetônico. Além da madeira e da massa presentes na ornamentação, encontra-se ainda o ferro. Como o prédio tinha a função comercial e residencial, Nunes (1991, p.93), destaca que “a fachada inferior era bem visível, as entradas da loja e da residência”.

Na década de 1950, encerra-se a fase de construções com características ecléticas, em que se misturam fortemente os estilos da arquitetura árabe e piauiense. As mudanças que ocorriam no mundo inteiro alteraram o gosto e o acesso a outros elementos e estilos, antes difíceis de serem adquiridos, mas o panorama do centro de Floriano é um exemplo visível da presença dos árabes na história da cidade.

Como afirma Fernandes (1991, p. 190), não restam dúvidas de que os árabes implantaram em Floriano novas técnicas construtivas e que, portanto, a influência deles ultrapassa a esfera do comércio, da culinária e a adoção do jogo – principalmente o baralho e

a roleta - chegando a ser representada também pela transmissão dos hábitos e técnicas arquitetônicas e construtivas para o povo da cidade. Essa influência pode ser constatada, por exemplo, no sobrado do piauiense Francisco Lima, construído na década de 1950, que mescla identidades sírias e ocidentais, onde se observa arcos, varanda central e grandes janelas. Todavia as aplicações em relevos altos remetem à arquitetura ocidental (Figura 22).

2.6. Centenário: uma releitura da presença árabe em Floriano

No período de 26 a 29 de junho de 1989, foi organizada uma grande festa para celebrar o Centenário da Imigração Árabe, na evocação da figura respeitável do sírio Antun Zarur, uma referência patriarcal desta grande epopéia. Durante uma semana, Floriano se transformou numa verdadeira cidade Síria. No dizer de Josefina Demes, as festividades foram “marcadas pela beleza e pela magnificência do fausto oriental, como se saída das páginas das Mil e Uma Noites, embaladas sob a magia das doces visões de um mundo de rica e lendárias fantasias”.

Na oportunidade, os participantes fizeram uma síntese de todo o processo de integração da comunidade árabe com o meio receptor, evidenciando a sua influência na formação e desenvolvimento de Floriano. A programação tinha por finalidade retratar a história dos cem anos de vivência dos imigrantes sírios, libaneses e descendentes em Floriano. As atividades foram apresentadas e desenvolvidas numa seqüência que permitiu aos participantes conhecerem ou relembrem, como num roteiro cinematográfico, a aventura fabulosa dos imigrantes na cidade festiva.

A rua São Pedro, onde se concentrava a maioria das lojas e residências dos imigrantes, foi escolhida como ponto principal das comemorações, sendo devidamente decorada com

traços da cultura oriental, para melhor relembrar a Síria e o Líbano, distantes. Foram instaladas tendas com comidas típicas, palco para danças orientais e construído, na sua entrada, um arco em estilo árabe – um dos símbolos da festa – para a fantástica viagem no tempo, assim descrita por DEMES (s/d):

A Rua São Pedro, foco inicial da presença árabe nesta cidade, visto as alterações que sofreu objetivando adequá-la convenientemente ao momento vivido e já emoldurada dos graciosos arcos mouriscos em forma de ferradura que lhe davam acesso e embelezavam a paisagem, transformou-se por encanto num autêntico fascinante cenário árabe, só faltando, no caso, o Bára da ou o Tigre²⁸ para convertê-la num pedaço de Damasco ou Bagdá.

No local onde residuiu²⁹ Antun Zarur, foi feita a aposição de uma placa comemorativa do Centenário da Imigração e, na praça Coronel Borges, um Memorial ao Árabe³⁰ (ilustração n° 9) foi inaugurado com a presença do embaixador da Síria³¹



Ilustração n°. 09

²⁸ Rios que banham respectivamente as cidades de Damasco, capital da Síria e Bagdá, capital do Iraque.

²⁹ O prédio não existe mais. Foi demolido e em seu lugar construído, por Adala Atem, o Cine Itapuã, na década de 1950.

³⁰ Construído em concreto, metal e mármore e contendo, ainda, tubos direcionados para o poente, sobre um espelho d'água, o monumento, na extraordinária concepção de seu autor, o arquiteto florianense Nilson Coelho, simboliza a audaciosa façanha empreendida pelo imigrante levantino, particularizando-se a alusiva feita à travessia oriente-ocidente. Numa placa de mármore que compõe o conjunto arquitetônico foram gravados, para o conhecimento das gerações futuras, o nome dos imigrantes que contribuíram para a construção de Florianópolis

³¹ Ghassob Rifai

A Câmara Municipal, em sessão solene presidida por descendente de sírios, entregou comenda a personalidades, imigrantes e brasileiras (ilustração 10), oportunidade em que o prefeito³² municipal destacou “a presença do elemento árabe, que por longos cem anos, trabalhou sem esmorecimento para que Floriano conquistasse o progresso de que desfruta”.



Ilustração n° 10

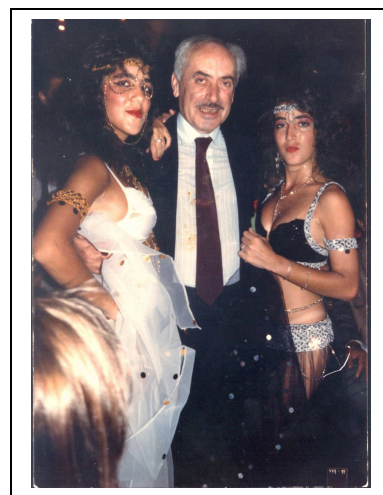


Ilustração n° 11

No Floriano Clube, localizado na rua São Pedro, uma galeria de retratos e a amostra de um conjunto de objetos, os mais diversos produzidos no oriente, serviu para integrar povos e ampliar os conhecimentos a respeito dos árabes e da sua presença no Brasil. Num momento mais formal, houve, também, uma conferência proferida pela professora Valderéz Cavalcante Pimentel, autora do livro *A Aculturação do Imigrante Sírio no Piauí*, em que abordou, de forma didática, a história da comunidade árabe no Piauí, destacando desde os motivos que fomentaram a imigração, até o processo de integração e contribuição dos mesmos para o desenvolvimento do Estado.

O envolvimento e a participação da comunidade demonstraram que a festa não era apenas da colônia árabe e seus descendentes. Era também dos florianenses, que ao longo de

³² José Leão Azevedo Carvalho

cem anos de convívio, foram se integrando naturalmente, miscigenando-se e aculturando-se num processo contínuo.

Para Luís Paulo, as comemorações do Centenário reavivaram a memória da comunidade, através de uma releitura da presença dos árabes em Florianópolis:

A reação da comunidade florianense foi a melhor possível. Por exemplo, na exposição de fotografias dos antepassados árabes, no Florianópolis Clube você precisava ver a quantidade de florianenses que foram visitar. Ficavam olhando, perguntando; e depois voltavam trazendo seus filhos para mostrar. Houve um interesse muito grande da comunidade em fazer essa releitura, essa redescoberta da presença do árabe aqui.

Na realidade, através dessa releitura, constatou-se a dimensão da contribuição dos árabes para o desenvolvimento de Florianópolis, como também fez aflorar o sentimento fraterno, o forte elo entre árabes, descendentes e florianenses, como acrescenta Luís Paulo (60 anos):

Porque essa visão era estreita. Mas quando se descobriu que eles, na verdade, foram os consolidadores da vida dessa cidade, que eles foram os esteios pra que essa cidade se firmasse como uma cidade pra frente no comércio, nas atividades de empresas, de negócios. O centenário conseguiu mover as pessoas; mexer com o emocional das pessoas e elas começaram a descobrir que os árabes tiveram um papel significativo, um papel marcante, emblemático na vida de Florianópolis. O grande feito do centenário foi essa constatação. O florianense passou a ter uma visão diferente da comunidade sírio-libanesa que vive nesta cidade há cem anos.

Durante uma homenagem à colônia síria na Câmara Municipal, com entrega de comendas, de medalhas, na presença do embaixador da Síria, eu presenciei pessoas da comunidade florianense emocionadas e chegaram às lágrimas ao se abraçarem com os descendentes, ao verem aqueles jovens todos vestidos com as roupas árabes, vestidos a caráter; aquela festa de fogos de artifícios e foi uma apoteose quando se hasteou as bandeiras do Brasil e da Síria.

Quando houve aquele jogo de luz na inauguração da praça em homenagem à colônia. Eu que estava presenciando aquilo me senti envolvido, enleado com tudo aquilo. Foi um momento de grandeza; a gente ficou assim muito absorto em ver aquela coisa toda acontecendo em relação a um povo que chegou aqui na sua simplicidade, mas também na sua grandeza de construir uma coisa nova.[....]. E eles vieram pra cá, na verdade, reconstruir suas vidas. Deixaram uma marca aqui em Florianópolis e essa marca será indelével. É uma marca que ficará pra toda a vida. Ficar um rastro, eternamente, aqui no meio da comunidade florianense. Eu penso assim, eu vejo assim, eu sinto assim e isso por toda a minha vida. Eles, os florianenses, se sentiam já bem

misturados, incorporados. Como se fosse uma parte dela que estava sendo festejada. Isso é muito significativo. Eles (os árabes) foram adotados na verdade. Passaram a ser mesmo florianenses, embora tenham vindo de tão longe, atravessaram distâncias enormes pra chegar aqui e encontrar uma cultura diferente, hábitos diferentes, maneira de ver o mundo diferente e conseguiram com o trabalho, com seus esforços criar esses laços que são inclusive, laços de ternura.

O evento teve também um outro significado, não menos importante. Segundo a professora Lourdinha Salha³³, a festa foi também uma forma de agradecer à cidade de Floriano pela recepção amistosa e acolhedora aos imigrantes que vieram para esta terra e aqui encontraram um ambiente propício para se estabelecer, prosperar e constituir suas famílias. Nesses termos afirma a professora:

Nosso povo veio de uma terra tão distante, em condições adversas, naturalmente enfrentaram algumas dificuldades, mas de um modo geral, temos muito que agradecer a Deus por termos encontrado em Floriano, o lugar ideal para vivermos.

O acontecimento representou as ligações afetivas que os árabes ainda têm com a sua terra natal. A vinda deles foi, antes de tudo, uma fuga devido às condições da época e, por isso mesmo, o passar dos anos, não fez com que esquecessem e cortassem seus laços e os traços culturais de origem.

³³ Professora, casada com um libanês, filha de pai sírio e mãe libanesa, uma das organizadoras das festividades do Centenário da Imigração Árabe.

CAPÍTULO III - CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo de integração dos árabes no Piauí, e mais especificamente em Floriano, em quase nada difere do ocorrido na grande maioria das cidades brasileiras onde eles se instalaram. Aqui, pelos mesmos motivos, chegaram os jovens sírios e libaneses – aproximadamente oitenta famílias - provenientes das cidades sírias e libanesas Homs, Maalula, Khabab, Damasco e Zahle. Encontraram um ambiente ideal para viver e progredir, apesar de algumas resistências, mudaram seus nomes, buscaram se integrar no meio receptor, aprenderam, ensinaram, mascatearam e se destacaram por introduzirem inovações nas práticas comerciais locais, contribuindo assim para transformar Floriano no maior centro comercial da região. Miscigenaram-se originando uma cultura que nem é árabe e nem é florianense, mas uma nova cultura que bem poderia ser “cultura florárabe”³⁴. E a essa nova cultura credita-se o fato de Floriano ser uma cidade diferente das demais cidades do norte-nordeste brasileiro.

Como se verifica neste trabalho, os árabes amaram sincera e verdadeiramente esta terra que lhes proporcionou liberdade, vida digna e confortável e muitos haveres. Fizeram-se florianenses de coração, mas sem nunca deixarem de ser árabes e esta dualidade de identidade os faziam sofrer duplamente: pelo que acontecia aqui e pelo que ocorria na pátria-mãe – a Síria, joguete favorito nas mãos das grandes potências internacionais que manobravam a seu talento.

A influência da cultura árabe no processo de formação e desenvolvimento de Floriano tornou esta cidade diferente das demais de sua região. Os sírios chegaram ao Piauí, num momento em que o Estado passava por profundas transformações que geravam perspectivas

³⁴ Expressão do autor deste trabalho

positivas, principalmente no tocante ao comércio, setor de grande identificação com os imigrantes árabes.

Assim, consoante com Vilhena (2001, p. 70), é inegável, portanto, a contribuição dos comerciantes árabes. E, conscientes de seu papel e de sua importância para o desenvolvimento comercial das cidades em que se estabeleceram, os sírios e libaneses transformam essa consciência prévia num poderoso discurso que, insistentemente repetido e re-elaborado - às vezes até com certo exagero - aos poucos vai consolidando a sua inserção e integração ao novo meio. Com isso, o termo *carcamano* gradativamente esvai-se do fardo de conotações negativas que a ele se associaram e vai adquirindo novos significados, à medida que a ele vão se agregando outros elementos, como, por exemplo, a idéia de que aos "*carcamanos*" se associa o desenvolvimento das cidades em que se estabeleceram, devido à riqueza gerada pelas suas casas comerciais.

Sobre a participação de sírios e libaneses no comércio, um outro aspecto chama a atenção no tocante à questão das estratégias de inserção e integração no novo meio social. Embora a imigração sempre represente um corte, uma ruptura com o mundo de origem, e o sucesso para uma maior integração a uma nova cultura pressuponha o abandono de traços culturais originais, é impossível imaginar que um indivíduo abandone por completo sua identidade, toda uma bagagem cultural que lhe identifica como sujeito, em nome de uma suposta adaptação (VILHENA, 2001, p. 71).

Assim sendo, apesar das restrições que se possam fazer ao árabe, Florianópolis recebeu imigrantes acostumados a uma vida simples e pacata, que nesse aspecto não diferenciava muito da vivida pelos piauienses. O maior atributo, talvez, possa ser encontrado no culto à hospitalidade, atitude entranhada no seu próprio cerne. Aliás, essa característica muito se assemelha ao modo de vida do nordestino.

Inferese ainda que de todas as cidades piauienses a que mais prosperou sob o influxo da imigração árabe é, sem dúvida, Floriano. É inegável que os árabes foram figuras que trouxeram o desenvolvimento para a cidade, principalmente no tocante ao comércio, para o qual a sua forma de negociar trouxe consideráveis inovações, que foram absorvidas pelos comerciantes locais. Como tinham capital sólido, vendiam a mercadoria por um prazo maior. Como também procuravam comprar mais barato do fornecedor e vender o mais caro possível, eram tidos por alguns como marreteiros. Na arquitetura trouxeram inovações com a estruturação de prédios mais arrojados, promovendo uma acentuada modificação na paisagem urbana e incrementando o ecletismo arquitetônico da cidade. Na culinária a comida árabe foi bem recepcionada e aceita; iguarias como tabule, quibe, esfirra, etc, foram sendo absorvidas e hoje fazem parte do cardápio florianense. Não obstante, sempre ocuparam posições de destaque nas mais variadas atividades políticas, sociais e econômicas do município.

Enfim este trabalho permitiu que conhecesse um pouco mais sobre a história riquíssima de um povo com uma cultura e um legado comercial, que a partir do encontro com os florianenses, aprendeu e ensinou, modificando hábitos e costumes, elevando Floriano a uma distinta posição no cenário piauiense. Por isso mesmo, considero que a integração dos sírios em Floriano se processou em moldes tão evidentes, que os nomes deles estão presentes em ruas, travessas e avenidas, escolas, outros logradouros públicos e privados e no seio da família florianense. Mesmo sendo considerados, a princípio, exóticos, diferentes, se inseriram na sociedade, em um processo lento, claro, contribuindo para a diversidade da cultura e o desenvolvimento econômico florianense. De mascates a grandes comerciantes. De um grupo fechado, no início, para uma relação próxima com os florianenses. Do oriente para o Piauí. De árabes a florianenses. Florárabes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARILDO, Jr. **As Vantagens da Imigração Síria no Brasil**. Rio de Janeiro, 1935.

BARRETO, Paulo Thedim. **O Piauí e sua arquitetura**. Revista do SPHAN. Rio de Janeiro, 2, 1938.

BENEDICT, Ruth. **O Crisântemo e a espada**. São Paulo: Perspectiva, 1972.

BESERRA, Bernadete. **Brasileiros nos Estados Unidos: Hollywood e Outros Sonhos**. Fortaleza/São Paulo/Sta Cruz do Sul: Edições UFC/HUCITEC/EDUNISC, 2005.

CARLEIAL, Adelita Neto *et al.* **Transições Migratórias**. Fortaleza: Edições Iplance, 2002.

CUCHE, Denys. **A Noção de Cultura nas Ciências Sociais**. (Trad: Viviane Ribeiro). Bauru: Edusc, 2002.

DAMATTA, Roberto. **Relativizando uma Introdução à Antropologia Social**. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.

DEMES, Josefina. **Inscritos sobre a cidade de Floriano, 197?**. Mimeo.

DIEGUES JÚNIOR, Manuel. **Etnias e culturas no Brasil**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 1980.

FOLGUEIRA, Manoel Rodrigues. **Álbum Artístico Commercial do Estado do Piauhy**, 1910, reeditado em 1897.

FREYRE, Gilberto. **Casa Grande e Senzala**. Rio de Janeiro: Ed. Global, 2003.

HAJJAR, Claude Fahd. **Imigração árabe: Cem anos de Reflexão.** São Paulo: Editora Ícone, 1985.

HOLANDA, Sérgio Buarque. **Raízes do Brasil.** 26ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HOURANI, Albert. **Uma História dos Povos Árabes.** São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

LAKATOS, Eva Marina. **Sociologia Geral.** 4ª ed. São Paulo: Atlas, 1981.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico.** 16ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

LESSER, Jeffrey. **A negociação da identidade nacional: imigrantes, minorias e a luta pela etnicidade no Brasil.** Trad. Patrícia de Queiroz C. Zimbres. São Paulo: Editora da UNESP, 2001.

LOPES, Luiz Paulo. **Flagrantes de uma cidade.** Teresina: Jolenne, 1997.

MOTT, Maria Lúcia. **Brasil : 500 anos de povoamento/IBGE, 9º capítulo “Imigração árabe: um certo oriente no Brasil,** 2001.

NUNES, Heli da Rocha. **E o Tufão Soprou na Colônia: história e estórias dos sucessos de uma cidade.** Teresina: UFPI, 1992.

PIMENTEL, Valdevez Cavalcante. **A Aculturação do Imigrante Sírio no Piauí.** Teresina: Projeto Petrônio Portela, 1986.

ROCHA, Rafael da Fonseca. **Floriano de tão belas recordações.** Brasília: Thesaurus, 1994.

- SAFADY, Jamily. **Panorama da Imigração Árabe**. São Paulo: Editora Comercial Safady, 1987.
- SANTANA, R.N. Monteiro. (Organizador). **Desenvolvimento - Perspectivas**. Teresina: Halley, 1995.
- SANTOS, José Bruno dos. **Crônicas para a história**. Teresina: São Judas Tadeu, 2005.
- SCHMIDT, Mario. **Nova história crítica: antiga e medieval**. Ed. Nova Geração, 1996.
- SILVA, Inaura Maria de Almeida. **História do município de Barão de Grajaú**. Teresina: EDUFPI, 1992.
- TAJRA, Marta. Gente de longe: o mahjar(imigração) de sírios para o piauí. In: ARAUJO, Maria Mafalda Baldoíno de e EUGÊNIO, João Kenned. (orgs.). **Gente de longe: histórias e memórias**. Teresina: Halley, 2006.
- TRUZZI, Oswaldo Mário Serra. **Patrícios: sírios e libaneses em São Paulo**. Coleção Estudos Brasileiros. São Paulo: HUCITEC, 1997.
- VILHENA, Marcos. **Carcamanos**. Teresina: Universidade Federal do Piauí, 2001.

ANEXOS

- Fig. 01 – Placa comemorativa do Centenário da Imigração Árabe
- Fig. 02 – Placa do edifício sede da Câmara Municipal que recebeu o nome do sírio Milad Kalume;
- Fig. 03 – Placa com nome de vereadores, gestão 89/92, onde constam os descendentes de sírios: Pedro Attem, Antônio de Pádua Kalume e Jamil Hagem Mazuad
- Fig. 04 – Placa de rua com nome de sírio Gabriel Zarur/Assad Kalume
- Fig. 05 - Placa de rua com nome de sírio Gabriel Zarur
- Fig. 06 - Placa de rua com nome de sírio Assad Kalume
- Fig. 07 - Placa de rua com nome de sírio Elias Oka
- Fig. 08 - Placa de avenida com nome de descendente de sírio Bucar Neto
- Fig. 09 – Letreiro da loja Abdala Lobo & Filhos
- Fig. 10 – Letreiro da Gráfica Kalume
- Fig. 11 – Letreiro da Gráfica Attem
- Fig. 12 – Letreiro da Casa Ibrahim
- Fig. 13 – Letreiro do Lab. de Análises Clínicas Bucar Neto
- Foto 14 – Letreiro do Lab. de Análises Clínicas Adala Attem
- Fig. 15 – Prédio construído onde funcionava o estabelecimento comercial de Antun Zarur,
- Fig. 16 – Sobrados da família Demes
- Fig. 17 – Prédio da família Kalume, construído em 1936
- Fig. 18 – Sobrado da família Demes
- Fig. 19 – Prédio da família Kalume, na praça Coronel Borges
- Fig. 19 – Sobrado da família Demes
- Fig. 20 – Edifício que contrasta com as edificações árabes
- Fig. 21 – Prédio da família Kalume
- Fig. 22 – Prédio do sr. Francisco Lima (não descendente)
- Fig. 23 – Miss Floriano com traje típico Odalisca do Oriente Médio, representa florianense no concurso Miss Piauí 2002.

Fig. 24 – Casal de jovens não descendentes com indumentária árabe – Indumentária árabe sendo apresentada por florianenses em festividade local.

Fig. 25 – Imagem de São Charbel, santo libanês, fixado na fachada da residência da família Salha

Fig. 26 – Oração de Nossa Senhora em árabe pertencente a uma descendente de sírios

Fig. 27, 28, 29, 30, 31 e 32 – Jantar com comidas da culinária árabe

Fig. 33 – Ato do poder Público Municipal – CITAÇÃO – entregue às famílias árabes durante o Centenário da Imigração Árabe

Fig. 34 – Cópia do artigo: Contribuição árabe para o progresso de Floriano de autoria de Josefina Demes - jornal Voz de Floriano

Fig. 35 – Cópia traduzida para o português da mensagem feita pelo sírio Hagem Mazuad ao Embaixador da Síria Ghassoub Rifai, durante o Centenário da Imigração Árabe

Fig. 36 – Matéria publicada no Jornal o Dia, em 2005, com referências aos sírios em Floriano

Fig. 37 – Tradução francesa do Nada Consta de Mirtes Oka

Fig. 38 - Versão árabe do Nada Consta da síria Mirtes Oka

Fig. 39 – Batistério da Síria Alda Oka da paróquia da Khabab - Síria

Fig. 40 e 41 – Folder alusivo ao Centenário da Imigração Árabe

PLACAS



Fig.01



Fig.02



Fig.01

Fig.03

PLACAS COM NOMES DE RUAS



Fig.04



Fig.05



Fig.06



Fig.07



Fig.08

LETREIROS



Fig.09



Fig.10



Fig.11



Fig.12



Fig.13



Fig.14

ARQUITETURA



Fig.15



Fig.16

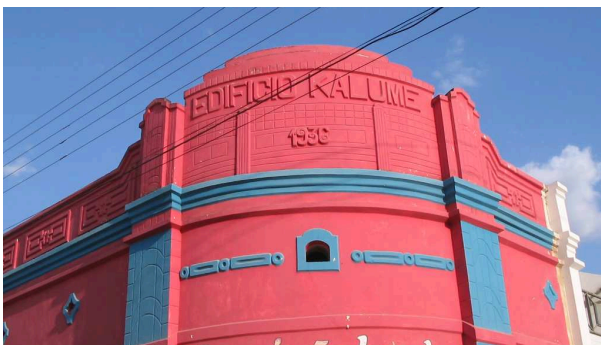


Fig.17



Fig.18



Fig.19



Fig.20



Fig. 21



Fig.22

MISS FLORIANO



Fig.23

INDUMENTÁRIA ÁRABE

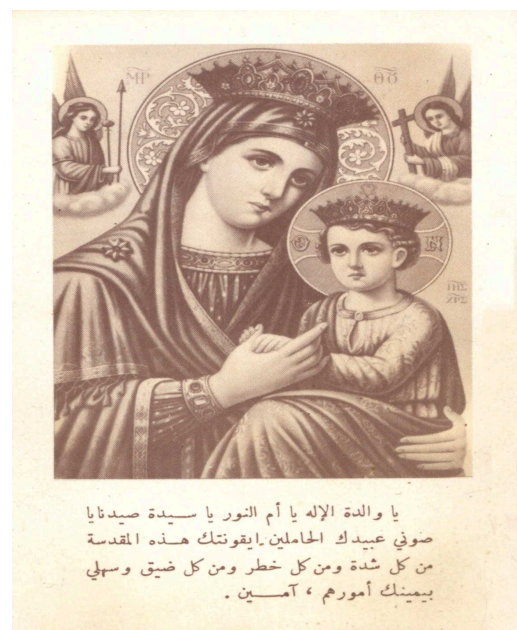


Fig.24

RELIGIÃO



Fig.25



árabÁrabe

Fig.26

CULINÁRIA



Fig.27



Fig.28



Fig.29



Fig.30



Fig.31



Fig.32

DOCUMENTOS



Fig.33

DOCUMENTOS

CONTRIBUIÇÃO ÁRABE PARA O PROGRESSO DE FLORIANO

Josefina Demes

De todas as cidades piauienses é Floriano, sem dúvida a que mais tem prosperado em decorrência da imigração árabe, daí que, hoje ao ensejo das festividades que assinalam o transcurso da magna data desta querida comuna, nada mais justo e oportuno que também ressaltemos o meritório trabalho aqui realizado pela operosa gente árabe, cujo legado pela sua magnitude ainda palpita nas terras de São Pedro de Alcântara.

Deste modo pois, pode-se dizer que tanto quanto possível, o ilustre padroeiro nascido em terras de Além-Mar e o singular imigrante árabe aqui aportado realizam a sublime tarefa de velar por esta cidade privilegiada que um dia os acolheu generosamente e a qual elegeram como sua segunda pátria: o árabe no campo material e o glorioso santo pelo exemplo de sua austera e edificante vida. Ambos têm uma coisa em comum: o sangue. O primeiro nascido nas planícies desérticas da Arábia e o segundo trazendo nas veias o ardente sangue mouro do Algarve português. Seu próprio nome - Alcântara - é de origem árabe. Ambos assumiram aqui o seu labor em pleno segundo império.

Pedro com a auréola de santo foi consagrado de logo padroeiro e por Decreto e Resoluções governamentais a colônia nascente recebeu o seu nome.

O segundo chegou anonimamente pelos meados de 1889 foragido de sua pátria por imposição de um governo tirânico e teocrático representado pelo sultão do Império Otomano.

Chamava-se esse viandante Antun Zarur.
Sua aldeia natal - Malulah.

Outros vieram e mais outros. Olharam pela última vez os cedros sagrados da cordilheira do Líbano num último adeus à sua querida e eterna Síria. Demandaram a esta nova "Terra da Promissão" sem que tivessem um outro Josué bíblico que fizesse tremer as muralhas da incompreensão que separava por força das circunstâncias de então, o elemento nativo do audacioso mascate.

Tudo aqui lhes foi adverso: o sol inclemente lhes queimou a tez e o linguajar estanho feriu-lhes o ouvido. A nostalgia da pátria distante era mitigada em rodas nas calçadas com narrações de trechos das "Mil e uma noites".

Não tinham nomes - eram os "CARCAMANOS". O tempo porém encarregou-se de sanar esta injustiça e com sua característica tolerância e perseverança conseguiu o árabe o milagre de marcar esta cidade com o sinete de suas tradições milenares, como o fizeram seus antepassados nas terras do santo padroeiro.

Pouco importa que se lhes gravem ou não os nomes nas praças ou ruas da cidade. Terão eles como recompensa os sulcos e as lembranças deixadas através dos anos e que

serão um atestado de sua passagem, para as gerações vindouras. Seria apenas uma ressonância do fenômeno que ocorre há cinco séculos na Península Ibérica e se retrata na lírica portuguesa de Silva Tavares que assim diz:

"Algarve, terra mãe do pensamento
É moiro o próprio sol que nos afaga".

Ou na trova de Nita Lupi:

"Fui num berço de fadas embalada
Na terra MOIRA que me viu nascer
Fui eu talvez a última encantada
Ouvindo as fontes ao entardecer".

Muitas coisas aconteceram decorrido algum tempo após a chegada do salitário imigrante levantino. O árabe foi se firmando dia a dia pelo trabalho fecundo e honrado e mergulhando mais e mais no solo generoso as raízes do seu próprio coração. Daí a sobrevivência dos seus hábitos e costumes sob os influxos irresistíveis e irredutíveis dos seus avoengos. O mais, - a História, esta delicada deusa encarregou-se de ajeitar. Sem mais as peias das limitações raciais coroou com um inspirado epitalâmio as bodas do elemento nativo e alienígena. Fez mais ainda: vingou-se por eles das afrontas sofridas, enxertando seus arvezados nomes na onomástica florianoense.

Hoje na decorrência desta auspiciosa data não poderíamos deixar de reverenciar os que com o suor do seu rosto e sangue generoso de suas mãos calejadas, regaram esta seara no afã de fazer progredir esta MOIRA ENCANTADA das plagas piauienses.

São eles: Antun Zarur, Assad e Milad Kalume; Nome Salustiano, Adala, Salime Pedro Atem; José, Felipe e Jacó Demes; Calisto, Tufi e Adala Lobo; Salomão, Hagem e David Mazuad; Ahmad e Mamed Bucar, David Kreit; Salim e Salomão Atemal; José Salim; Elias Oka; Elias Bonasser; Abib e Adala Carnib; Jorge Tajra; Salomão e Dib Barguil; José Lavrador; João Frejat; Nicolau Waquim; Gabriel Zarur; Moisés e José Kinaer, Alfredo Gaze; Calisto Alef e muitos outros.

De nossa parte, seus herdeiros a manifestação do nosso apreço pelos sábios ensinamentos de amor e de respeito à terra que nos viu nascer.

Nota: São Pedro nasceu na Espanha em terras que hoje fazem parte de Portugal.

Mouros ou moiros, são assim chamados os árabes na Península Ibérica, porque procediam da Mauritània.

Fig.34

DOCUMENTOS

Mensagem Árabe de Hagem Mazuec

Tradução de Josefina Demes

Florianenses meus amigos e irmãos:

Afortunado destino este, que, nos seus altos e insondáveis designios nos brinda com um espetáculo de rara magnitude ao reunir em torno das festividades que celebram nesta cidade o centenário da imigração árabe, as figuras mais expressivas do mundo social político de nossa pátria às quais cordialmente saudamos.

Que as nossas primeiras palavras externem antes de mais nada o nosso comovido agradecimento a quantos concorreram para a maior expressividade deste evento que pela sua suntuosidade mais parece saído das páginas das "MIL e uma Noites" e que de modo particular se estenda ao Exmo. Sr. Governador do Estado Dr. Alberto Silva, ao Sr. Secretário de Cultura - Dr. Noronha Filho que tanto apóio nos deu; aos honrados representantes dos Legislativos: federal, estadual, e municipal - senador João Calisto Lobo; depts - federais Mussa Demes e Jofren Frejat; dep - estadual Adalmar Pereira e nobres integrantes da edilidade florianense, e, de modo todo especial ao jovem e operoso Prefeito José Leão de Azevedo pelo concurso generoso e ostensivo desta municipalidade bem como pelo seu próprio no sentido de que estas festividades decorressem em consonância com sua histórica grandeza.

Senhoras e Senhores

Senhor Embaixador da Republica Árabe da Síria junto ao Governo brasileiro Sr. Ghassoub Rifai. A presença de V. Excia. neste histórico acontecimento, além de sobremaneira honrosa acorda em nossos corações um sentimento de ternura para com a nossa pátria de origem que embora de nós muito distante continua ao longo destes centenários 100 anos cada mais viva e mais presente pelo sangue, pela cultura e pela saudade. O protagonista da memorável errância que marca a chegada aqui do primeiro imigrante levantino chamava-se Antun Gibran Zarur natural de Maalula que deixando para trás - terra, parentes e amigos demandou a estas longínquas paragens em busca da tão sonhada "Terra da Promissão". Depois outros vieram e mais outros trazendo as mãos vazias mas os corações cheios de esperança. Sofreram a princípio de par com a inclemência do meio uma descida de discriminação - fruto da intolerância de uns poucos que viam no sucesso comercial destes humildes mascates, ~~seus~~ ^{seus} ameaça aos seus negócios, superada por sua proverbial cordura.

O árabe - senhoras e senhores - tem para com esta terra que um dia generosamente o acolheu, uma imensa dívida de gratidão que se traduz na grandeza d'alma como se deu por inteiro na participação do seu progresso e bem-estar. Para tanto lutou, venceu e muitas vezes foi vencido mas sem por isto desertar de seus nobres intentos de ajudar a operar o extraordinário milagre que transformou as paragens agrestes de então, neste acolhedor e exuberante oásis.

Ao término desta nossa singela mensagem queremos num justo e reconhecido preito externar ao prof. Luiz Paulo de Oliveira Lopes e ao arquiteto Nilson Galvão a expressão

de nossa profunda admiração pela espontaneidade de sua ajuda e pela sensibilidade e magnificência de seus criativos trabalhos que tanto realce e beleza emprestam às nossas festividades. Queremos ainda aproveitando o ensejo pedir ao Sr. Embaixador Dr. Ghassoub Rifei, se digne transmitir ao nobre povo da Republica síria e ao seu ilustre Presidente Hafez Assad o testemunho de nosso, apreço, de nosso respeito e da nossa saudade, augurando-lhes ao mesmo tempo grandeza e prosperidade.

Viva o Brasil!

Viva a Síria!

Fig.35

DOCUMENTOS

Valecimento de laços de amizade. Esse é o argumento que soa como denominador comum entre estrangeiros radicados no estado. Por diferentes motivos, eles tiveram que deixar seus países de origem, mas encontraram esperanças renovadas em solo piauiense, oportunidade de trabalho e surpreendente receptividade. Desde o início do século XX que se tem notícia de estrangeiros que se estabeleceram no estado, motivados, em especial, pela recepção por parte dos piauienses. Embora haja poucos registros, a presença de alemães no sertão nunca foi descartada. Para alguns historiadores, eles deixaram vários descendentes que, em razão dos casamentos com piauienses, foram perdendo a identidade germânica, tanto física quanto cultural.



Na região de Picos foram os italianos, cujos netos ainda conservam algumas tradições. A família Stoppel reside numa casa antiga, conservando mobílias e utensílios dos tempos da chegada dos primeiros membros da família, no século XIX. Outros italianos também fixaram residência no município, dentre eles os Gerbasi e os Albanos. Já em Corrente, Sul do estado, os norte-americanos foram fundamentais para o desenvolvimento da região, trabalhando a educação e propagando doutrinas de fé, permanecendo no local em razão da acolhida.

Os árabes e o comércio

Mas foram os árabes que deixaram maior legado aos piauienses. Diversas famílias desembarcaram em Floriano e em Teresina em 1889. Porém, eles não vinham diretamente para o Piauí; o destino seria o Amazônia, em razão de oportunidades que surgiram com o ciclo da borracha. Entretanto, foram alertados por alguns patrícios sobre “doenças perigosas” - malária e febre tifóide - na região. Temerosos, esses árabes mudaram o roteiro e desembarcaram no Piauí. Eles vinham em lombo de burro, em embarcações pelo rio Parnaíba e, posteriormente, de trem.

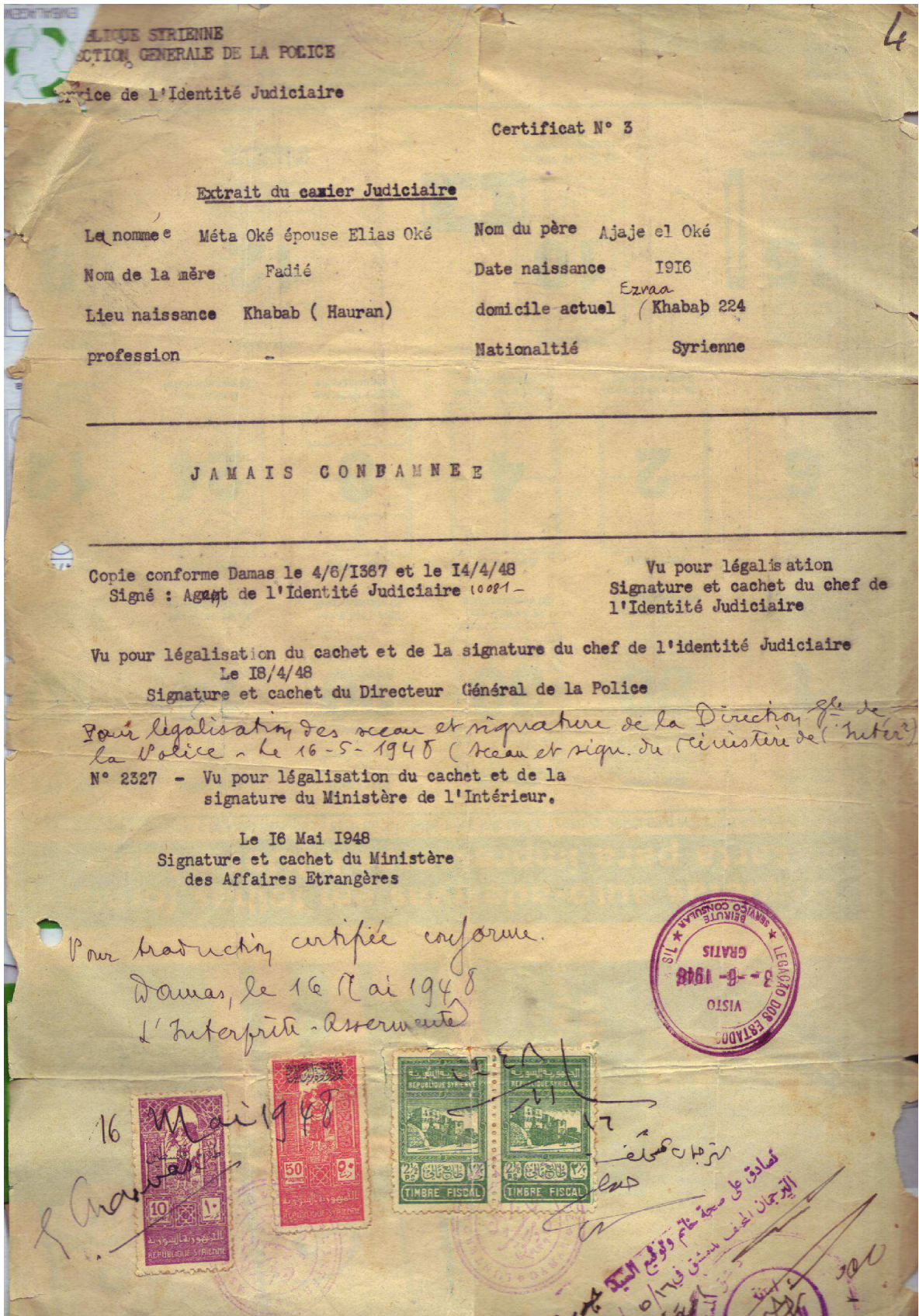
Em Teresina e em Floriano eles tiveram papel fundamental no desenvolvimento do comércio. Mas é em Floriano que a presença deles é mais acentuada: não há uma só casa no município onde não se faça esfirra, quibes e outros pratos da culinária árabe. São muitas as casas com arquitetura característica desse povo que veio de longe e que se adaptou tão bem aos costumes e ao jeito singular do piauiense. E os estrangeiros não pararam mais de chegar: chineses, japoneses, argentinos, peruanos, espanhóis, portugueses, guineenses e muitos outros encontram no Piauí o local ideal para investir ou estudar. Isso em consequência das oportunidades que o estado oferece, acentuando-se a amabilidade da população.

Piauí, terra de todos os povos

ODIA

Teresina, domingo, 16 de outubro de 2005

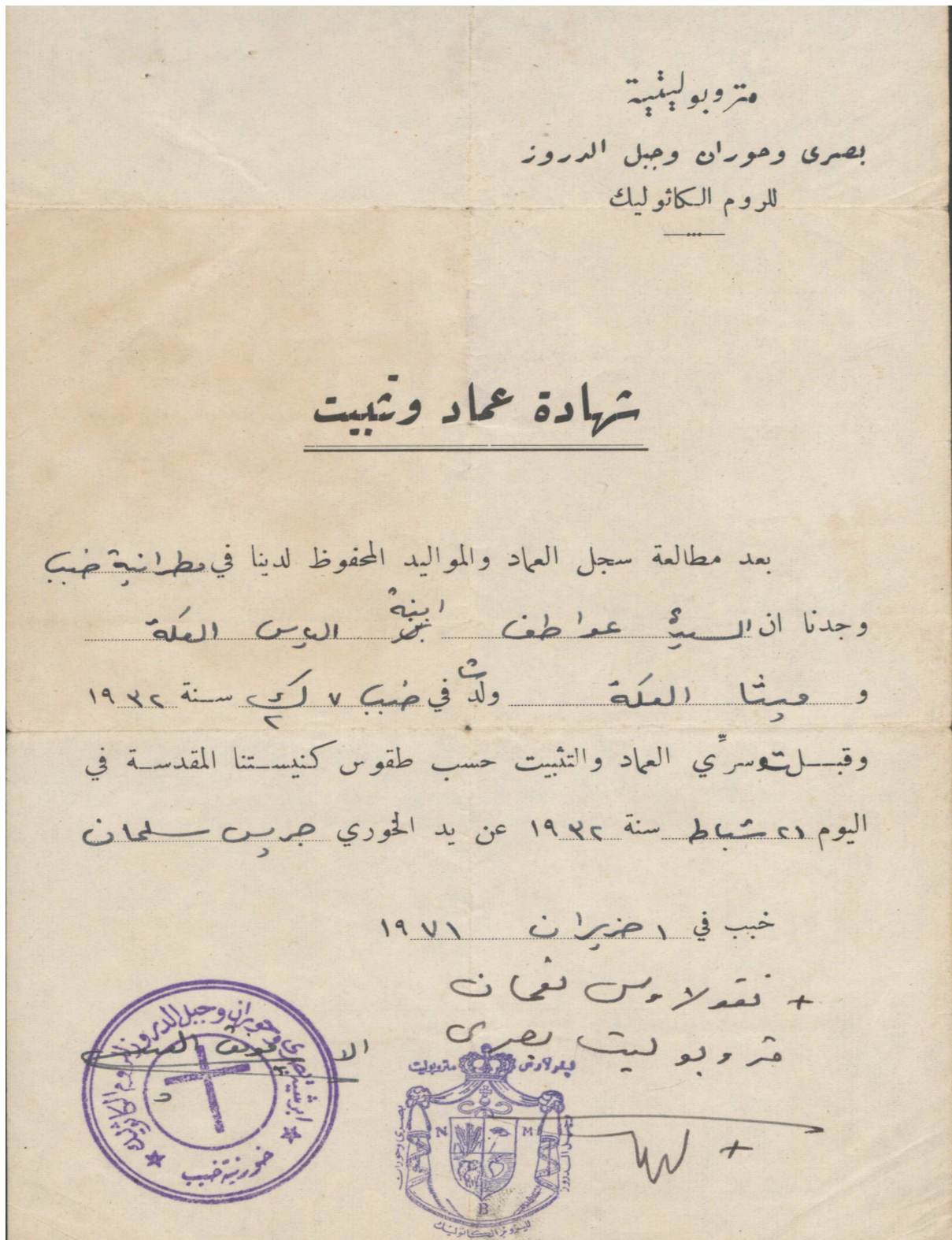
Fig.36



Trad Francesa do Nada Consta de Mirtes Oka

Fig.37

DOCUMENTOS



Batistério de Alda Oka (paróquia de Khabab, Síria)

Fig.39

DOCUMENTOS



Fig.40

DOCUMENTOS

CENTENÁRIO DA IMIGRAÇÃO ÁRABE

1889 – 1989

FLORIANO - PIAUÍ

A vinda dos Sírios e Libaneses para o Brasil sem nenhuma orientação de caráter político ou econômico e, sem o prestígio de qualquer organização social, deveu-se única e exclusivamente a dominação que os Turcos Otomanos exerceram perante alguns países árabes, durante quatro séculos.

A Síria tem um papel incomparável na história da humanidade. Nesta terra o homem descobriu os segredos da agricultura e da metalurgia e inventou o primeiro alfabeto da terra.

A Síria está situada em local estratégico e privilegiado na costa oriental do Mediterrâneo no Continente Asiático, fato que gerou inúmeros conflitos e a cobiça de outros povos. Seus limites registram ao Norte a Turquia, ao Leste o Iraque, ao Sul a Jordânia e Palestina e a Oeste o Líbano. Seu território tem uma extensão de 185.180 Km² para uma população estimada, em 1986, de 12.000.000 de habitantes. A Capital da Síria é Damasco e a do Líbano é Beirute. Geralmente, a imigração Síria é estudada conjuntamente com a Libanesa em virtude de o Líbano estar unido à Síria até 1920, além de serem países vizinhos e fazerem parte da liga dos Estados Árabes.

Aos Sírios e Libaneses que comemoram este evento, quando aqui chegaram provenientes de cidades como Homs, Maalula, Kabaht, Damasco (Síria) e Zarle (Líbano), dificilmente aventaram a possibilidade de fixarem-se por tão prolongado período, haja visto os percalços que cercaram sua vinda e fixação pois é patente nos estudos de imigração, o caráter da temporariedade considerando-se que eles vieram para um país onde tudo era-lhes desconhecido, a começar pelo idioma (português), além de outras dificuldades básicas.

Um perfil que se pode traçar quando aqui chegaram, indica que eram jovens e destemidos, vindos de um ambiente de perseguição e opressão.

Apesar das grandes dificuldades enfren-

tadas, conseguiram perpassados e durante a vivência frente à comunidade Florianense, destacaram-se como um povo trabalhador, ativo e culto, além de exímios comerciantes, empresários, pecuaristas, profissionais liberais, homens públicos através de mandatos, além de outras atividades. Atuam ativamente no desenvolvimento desta terra. Seus filhos hoje ocupam um espaço efetivo nesta comunidade, além de se destacarem a nível de âmbito nacional.

A ALIMENTAÇÃO ÁRABE

Os Árabes são considerados generosos anfitriões e gostam de fartura. Sua alimentação caracteriza-se pela utilização de cereais diversos (trigo, lentilha, grão-de-bico, semolina e principalmente o gergilim, utilizado no popular "tahine"), carnes (carneiro, cabra, vaca e peixes), temperos diversos, pouco conhecidos no Ocidente e frutas em abundância (tâmaras, romas, figos e uvas). Seus pratos mais famosos são: Kibbeh (carne de carneiro picada e trigo moído, em suas numerosas modalidades), Tabbuleh (salada de trigo com tomate picado), Meshwi (carne assada), sffiha, malfuf (enrolado de folhas com recheio) e mijadra (arroz com lentilha).

A comida Árabe é marcante e um tanto quanto condimentada, o que angaria fãs em toda parte do mundo.

DANÇA

A dança do ventre tem sua origem no antigo Egito. Naquela época era uma dança ritual, praticada por sacerdotizas que recebiam uma educação espiritual e corporal específica desde meninas.

Com o tempo, a dança deixou de ficar restrita aos templos e passaram a ser apresentadas em ocasiões solenes nos palácios, tornando-se uma dança popular.

Quando houve a invasão Árabe as culturas fundiram-se e foi o povo Árabe, com sua tradição de viajante e de mercador, que levou a dança do ventre para o resto do mundo.

Nos dias de hoje é apresentada em casa-

mentos, aniversários, festas folclóricas, enfim, em comemorações onde se concilia a magia dos movimentos do corpo com a vibração da música árabe.

O costume que os árabes têm de oferecer dinheiro ou flores à bailarina vem das oferendas feitas às sacerdotizas. É uma forma de agradecer pela beleza de uma dança.



Outro costume bastante conhecido é o de convidá-la para dançar em cima da mesa para mostrá-la como uma convidada especial.

Na noite de hoje, convidamos você a entrar em contato com uma dança típica dos povos árabes beduínos a **dança do ventre**, na sua forma clássica, folclórica e festiva – três maneiras de homenagearmos a grande imigração árabe nesta pequena-grande cidade do Estado do Piauí.

Fig.41